

Introdução à Psicologia

**Pablo Andres Kurlander Perrone
Maria Isabel Rossini Tridapali (Org.)**



FASBAMPRESS

Introdução à Psicologia

**Pablo Andres Kurlander Perrone
Maria Isabel Rossini Tridapali (Org.)**

Introdução à Psicologia



FASBAMPRESS

Faculdade São Basílio Magno

R. Carmelo Rangel, 1200
Curitiba/PR 80.440-050

Fone: (41) 3243-9800
www.fasbam.edu.br
comunicacao@fasbam.edu.br

Conselho Editorial

Dr. Irineu Letenski (Presidente)
Dr. Teodoro Hanicz
Dr. Rogério Miranda de Almeida
Dr. Germano Rigacci Júnior

Projeto gráfico, diagramação e capa

Marco Antônio Pensak

Bibliotecária

Sirlene Maria Marcinek Mazur
CRB PR 001937/0

Editor-chefe

Dr. Irineu Letenski

Preparação e revisão

Sissy Eugenia Cristina Zambão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Faculdade São Basílio Magno (FASBAM)

l61 Perrone, Pablo Andres Kurlander; Tridapali, Maria Isabel Rossini (Org.)
Introdução à psicologia / Pablo Andres Kurlander Perrone;
Maria Isabel Rossini Tridapali (Org.)
Curitiba: FASBAMPRESS, 2021.

112 p.; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-84583-01-6

ISBN Digital: 978-65-84583-02-3

1. Psicologia - Introduções.

I. Título.

CDD 150

Índice para catálogo sistemático
1. Psicologia - Introduções 150

APRESENTAÇÃO

Ao longo da história e ser humano buscou encontrar tanto o sentido da vida quanto a origem e função dos seus comportamentos e emoções. Os grandes pensadores sempre se questionaram por que as pessoas fazem o que fazem, o que as motiva, o que as diferencia, o que as torna “melhores” ou “piores” no contexto grupal em que estão inseridas.

Embora a Filosofia vasculhou profundamente por estes caminhos, foi a Psicologia como ciência que vislumbrou algumas das respostas que melhor explicavam a natureza do comportamento humano, suas implicações individuais e sociais, assim como as formas de resolver os conflitos decorrentes destes.

Inúmeros pensadores, com diferentes visões de mundo e compreensão do ser humano formularam teorias Psicológicas, tanto no intuito de explicar o complexo fenômeno do comportamento humano, quanto para buscar formas de tratar os problemas físicos e não físicos que a medicina tradicional não alcançava, e assim surgiram as diferentes abordagens psicológicas.

Neste breve histórico da Psicologia buscamos apresentar uma linha histórica e conceitual que evidencie os principais momentos e processos que construíram a ciência psicológica, os principais atores, os desdobramentos da dialética constante da evolução científica, e o impacto que esta nova ciência causou no mundo contemporâneo.

Não defendemos uma abordagem em detrimento da outra, nem partimos do viés do certo e errado, já que acreditamos que cada momento, autor e conceito – mesmo os refutados e os que entraram em desuso – que fez e faz parte desta história foram fundamentais para o que a Psicologia é na atualidade.

Embora ainda exista um grande preconceito social em relação à busca de ajuda psicológica, e muitos ainda acreditem que Psicólogo é coisa de “louco”, cada vez mais a ajuda, orientação, aconselhamento, supervisão psicológica se torna uma necessidade básica num mundo complexo, caótico e desigual, que impõe um ritmo de vida vertiginoso para o qual ainda não desenvolvemos recursos emocionais suficientes.

Por isso, esperamos que ao navegar por esta história, você descubra o fascinante universo da Psicologia e o quanto ele tem a oferecer para o indivíduo e para a sociedade.

Os Organizadores

SUMÁRIO

As origens	9
1.1 A influência da filosofia na psicologia.....	9
1.2 Fé, ciência e religião.....	12
1.3 O contexto sociocultural do surgimento da psicologia.....	15
1.4 A psicologia científica.....	19
1.5 A psicologia como profissão.....	22
A psicanálise.....	28
2.1 Sigmund Freud e a psicanálise.....	28
2.2 Id, ego e superego.....	31
2.3 A psicanálise pós freudiana de Winnicott.....	34
2.4 Outros notáveis pós freudianos.....	37
2.5 Jung e a psicologia analítica.....	41
As escolas de pensamento	48
3.1 A psicologia comportamental.....	48
3.2 A terapia cognitivo comportamental.....	53
3.3 Psicologia fenomenológica-existencial.....	57
3.4 Humanismo.....	59
3.5 Psicologia do desenvolvimento.....	63
As novas aplicações da psicologia	71
4.1 Psicologia social.....	71
4.2 Psicologia organizacional.....	75
4.3 Psicologia jurídica no Brasil: campos e inserções.....	77
4.4 Saúde mental e normalidade.....	81
4.5 Psicologia e direitos humanos.....	84
Os principais processos cognitivos.....	93
5.1 Sensação e percepção.....	93
5.2 Emoção.....	96
5.3 Motivação.....	99
5.4 Aprendizagem.....	102
5.5 Inteligência.....	106

UNIDADE 01 – AS ORIGENS

01

*Pablo Kurlander
Maria Isabel Rossini Tridapali*

Objetivo da unidade: conhecer as origens sócio-históricas da Psicologia, e o seu desenvolvimento e ascensão como ciência e profissão.

Conteúdo da Unidade:

- 1) A influência da Filosofia na Psicologia.
- 2) Fé, Ciência e Religião.
- 3) O contexto sociocultural do surgimento da Psicologia.
- 4) A Psicologia científica.
- 5) A Psicologia como profissão.

1.1 A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA NA PSICOLOGIA

Muitos historiadores científicos constataram algo muito interessante, no que diz respeito ao desenvolvimento da ciência na história da humanidade: as ciências que primeiro se desenvolveram foram as que tiveram como objeto de estudo aquilo que estava mais distante, como a Astronomia.

Já as ciências que tratam daquilo que lhe está mais próximo, ou as que tratam daquilo que lhe é intrínseco ou essencial, como a Psicologia, acabaram ficando para o final da linha histórica, fato que se corrobora considerando que a Psicologia é uma das ciências mais jovens.

É claro que a Filosofia, mãe de todas as ciências, abordou desde sua gênese questões referentes à vivência íntima do ser humano. “Mesmo antes que começasse a filosofia propriamente dita, cujo início costuma-se colocar no século VI a. C., com Tales de Mileto, os gregos do chamado período arcaico (800/750 – 500 a.C.) já se interrogavam sobre o problema do mal, do

sofrimento, do destino e, também, sobre o papel dos deuses na vida dos homens”.¹

As primeiras explicações sobre a natureza do ser humano, a natureza de seu comportamento, de suas relações e seus afetos, foram notadamente sobrenaturais, assim como também foram sobrenaturais as explicações sobre os fenômenos naturais, geralmente atribuídos às variações do humor de deuses muito temperamentais.

Com o grande crescimento urbanístico e expansão comercial da Grécia Antiga, cada vez mais se tornava necessária uma sistematização do conhecimento para a criação de soluções práticas para áreas como a agricultura e a arquitetura, assim como também para a organização social por meio da política.

O grande avanço nestas áreas permitiu que a população pudesse se ocupar também das coisas menos concretas, as coisas do espírito, como as artes e a Filosofia. Sócrates (470-395 a.C.) e Platão (427-347 a.C.), dois grandes filósofos gregos, despertaram o interesse pela natureza do homem, e assim a Filosofia começou a especular sobre a interioridade da vivência humana, dando início aos primeiros questionamentos psicológicos.

A primeira tentativa de sistematizar a Psicologia surge justamente entre os gregos, sendo que o próprio nome “Psicologia” vem do grego *psyché*, que significa “alma”, e de *logos*, que significa “razão”. Sendo assim, etimologicamente falando, psicologia significa “*estudo da alma*”.

É com *Sócrates* (470-395 a.C.) que a Psicologia na Antiguidade começa a ganhar consistência na estruturação do pensamento e no foco dos questionamentos. Sócrates se debruçou em compreender qual era a fronteira imaterial que separava o homem dos outros animais, e chegou a postular que esta fronteira seria a *razão*. Esta razão era a que lhe permitia subjugar os instintos básicos, não muito diferentes dos instintos dos demais animais, e que consistiam na base de sua irracionalidade. Este foco na *racionalidade* abre caminho para muitas das posteriores teorias sobre a consciência humana, a personalidade e, mais contemporaneamente, sobre as diferentes patologias e disfuncionalidades.

Ao mesmo tempo, o médico *Hipócrates* (460-377 a.C.), considerando pai da Medicina ocidental e contemporâneo de Sócrates, baseado na teoria

¹ ALMEIDA, R. M. *História da Filosofia Antiga*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2021, p. 5.

11 Unidade 01 – As Origens

do Filósofo grego *Empédocles* (495-435 a.C.) – que explicava a existência de qualquer substância por meio dos quatro elementos (água, ar, fogo, terra) e sua temperatura e grau de humidade/secura –, desenvolvia um modelo médico atribuindo as características humanas a fluidos corporais – os humores. Assim, a saúde decorreria de seu equilíbrio, enquanto excessos e faltas explicariam estados de doença.

A predominância de um dos humores determinaria os *quatro diferentes tipos de temperamento*:

1) *Sanguíneo*: predominância de sangue.

Características: alegria, otimismo, confiança e extroversão.

2) *Fleumático*: predominância de fleuma.

Características: timidez, apatia, lerdeza, cansaço e coerência.

3) *Colérico*: predominância de bile amarela.

Características: irritabilidade, intensidade, impulsividade e rapidez.

4) *Melancólico*: predominância de bile negra.

Características: inclinação artística, tristeza, medo e introversão.

O passo seguinte foi dado por *Platão* (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates, que tentou definir um local em nosso corpo para essa razão estudada por seu mestre Sócrates. Apesar da teoria hipocrática dos humores, ele definiu a *cabeça* como o lugar em que a razão se alojava, o hábitat da *alma* humana. Assim, a medula seria a ligação da alma com o corpo, já que em sua concepção a alma e o corpo eram instâncias diferentes e separadas.

Foi *Aristóteles* (384-322 a.C.), discípulo de Platão e um dos maiores pensadores da Antiguidade, que trouxe uma contribuição inovadora produto de uma *síntese* socrática perfeita que, de alguma maneira, organizava e incluía as concepções e descobertas de seus antecessores, ao mesmo tempo que dava um importante passo adiante.

Para Aristóteles a *psyché* era o princípio ativo da vida, e todos os seres vivos seriam detentores de uma *psyché* ou alma que, ao mesmo tempo, seria indissociável do corpo. Os vegetais teriam uma alma vegetativa, com funções de alimentação, crescimento e reprodução, aos animais se somaria

uma alma sensitiva, com capacidade de percepção e movimento, e ao ser humano se somaria ainda uma alma racional, com a função do pensamento lógico.

Os três volumes do tratado aristotélico *Da Anima* podem ser considerados o primeiro tratado de Psicologia da história, já que aborda estudos e reflexões sobre a razão, a percepção e as sensações.

Assim, mais de dois milênios antes do surgimento da Psicologia como ciência de fato, já tinha sido formuladas duas teorias sobre a alma humana pelos filósofos gregos:

- a) *A teoria platônica*, que postulava a imortalidade da alma, concebida como instância separada do corpo;
- b) *A teoria aristotélica*, que entendia a alma como pertencente ao corpo e, portanto, mortal como este.

1.2 FÉ, CIÊNCIA E RELIGIÃO

Depois dos avanços realizados pelos gregos em relação à organização do pensamento sobre a alma humana, se inicia o avanço de uma nova e absoluta potência geopolítica que iria dominar toda a região mediterrânea por 5 séculos (27 a.C. – 476 d.C.), considerado a maior civilização da história ocidental: o *Império Romano*.

Juntamente com o Império Romano surge outra potência, que se alastraria por um território muito maior e perduraria por mais de dois milênios: o *cristianismo*.

Após a suposta conversão ao cristianismo do Imperador Constantino I que no ano de 384 d.C., em função do Edito da Tessalônica, de Teodósio Magno, torna o *cristianismo a religião oficial do Império Romano*.

Com a queda do Império Romano no século V, se inicia o período conhecido como *Idade Média*, que se estendeu por um milênio, e durante o qual todo o conhecimento foi monopolizado pela *Igreja Católica*, que detinha poder e status maior até que o dos monarcas.

Com este monopólio, o estudo e a divulgação do conhecimento sobre o psiquismo humano ficou restrito, durante praticamente 1000 anos, aos conceitos e preceitos cristãos medievais.

Dois grandes filósofos e Doutores da Igreja representam este período: *Santo Agostinho* (354-430) e *Santo Tomás de Aquino* (1225-1274).

Santo Agostinho defendia a ideia da separação da alma do corpo, assim como Platão, com o acréscimo cristão de que a alma, para além da sede da razão, era também a manifestação da divindade no ser humano, a ligação do humano com o divino.

Um pouco antes de Santo Agostinho tinha sido difundido o *maniqueísmo*, uma filosofia religiosa sincrética e dualística fundada e propagada por Manes ou Maniqueu, filósofo heresiarca do século III, que com grande influência dos essênios² e dos estoicos³, dividia o mundo numa dicotomia entre Bom (Deus) e Mau (Diabo). A matéria seria intrinsecamente má, e o espírito, intrinsecamente bom, por isso devia se relegar de toda e qualquer ligação com o terreno, e buscar unicamente as virtudes espirituais.

Durante o processo de sincretismo do catolicismo, iniciado com a “conversão” do Império Romano ao catolicismo, também foram incorporados estes conceitos advindos dos essênios e dos estoicos, e assim a nova igreja adotou o *ascetismo*, o *celibato* e a *renúncia aos prazeres terrenos* tanto como doutrina quanto como concepção de ser humano.

Esta polarização da visão de mundo entre bem e mal, espiritual e material, influenciou profundamente o desenvolvimento da psique ocidental, que incorporou e utilizou os conceitos de “pecado”, “culpa”, “castigo” e “inferno” como instrumentos de controle e de categorização das pessoas entre os “bons” e os “maus”, os “salvos” e os “condenados”.

A origem palavra “religião” vem do latim *religio* ou *religere*, que significa “*uma observação profunda do sagrado*”. Posteriormente esta primeira origem foi substituída por outra palavra de significado totalmente diferente, *religare*, que coloca a religião como um instrumento de *re-ligação* entre o homem e a sua divindade.

² Os Essênios constituíam um grupo asceta, apocalíptico messiânico do movimento judaico antigo que foi fundado em meados do 2º século a.C. e foram dizimados no ano 68, com a destruição de seus assentamentos em Qumran.

³ O Estoicismo foi uma escola de filosofia helenística fundada na Grécia, em Atenas, por Zenão de Cítio no início do século III aC. Baseado numa ética rigorosa de acordo com a leis da natureza, assegurava que o universo era governado por uma razão universal divina (Logos Divino). Dessa forma, para os estoicos, a felicidade era encontrada na dominação do homem ante suas paixões (considerada um vício da alma) em detrimento da razão.

O primeiro conceito se assemelha mais à noção de espiritualidade, já que a observação do sagrado é individual e livre de rituais e preceitos. O último significado contém implícitos os traços mais marcantes das religiões, que envolvem o pecado e a culpa, já que se o homem necessita ser re-ligado ao seu deus é porque, de alguma forma e em algum momento determinado, se desligou dele.

Mais adiante, já no início do século XX, Sigmund Freud, pai da Psicanálise, fundamentaria sua teoria das neuroses e da histeria na repressão sexual imposta culturalmente pelas religiões, principalmente às mulheres.

Avançando no tempo, *Santo Tomás de Aquino* viveu num período de grandes tensões políticas e religiosas com o aparecimento do protestantismo, que precedeu a ruptura da Igreja Católica, com o movimento reformista⁴ e a posterior contrarreforma⁵.

Neste período, muitas das verdades absolutas (dogmas) promulgados pela Igreja Católica foram colocados em xeque, pelo que se fez necessário encontrar novas razões para a relação entre Deus e o homem. Para isso Santo Tomás de Aquino resgata os conceitos aristotélicos de *essência e existência*, e afirma que somente Deus seria capaz de reunis estes dois conceitos de forma igualitária pelo que a busca da perfeição somente poderia se dar por meio da busca de Deus, que por sua vez deveria acontecer no âmbito dos dogmas religiosos propagados pela Igreja.

Desta forma Santo Agostinho elenca argumentos racionais para manter por mais alguns séculos o monopólio religioso do estudo e concepção do psiquismo humano.

Durante todo este período, com o monopólio absoluto da disseminação (ou ocultação) do saber, e com a criação de sistemas de controle absolutos,

⁴ A Reforma Protestante foi um movimento religioso que aconteceu na Europa, século XVI, fomentado por razões políticas e religiosas. O movimento teve como principal líder Martinho Lutero, um monge alemão, que por meio de 95 teses fez várias críticas à Igreja Católica e ao Papa.

⁵ A contrarreforma é entendida como a reação da Igreja Católica ao avanço do protestantismo pela Europa. Ela se deu por meio de uma série de ações realizadas pela Santa Sé, que incluíram a catequização de pessoas por meio dos jesuítas, a reativação do tribunal da Inquisição, a proibição de certos livros por meio do Index, entre outras ações.

como a *Inquisição*⁶, as pessoas ou grupos que se dedicaram a buscar outras formas de resposta para as questões filosóficas e da alma humana, foram considerados hereges, subversivos, e foram perseguidos e condenados à morte, geralmente por meio de torturas intermináveis e aterrorizantes, com exposição pública para servirem de exemplo para a população.

Um conhecido exemplo disto foi Galileu Galilei, que foi condenado à morte na fogueira por heresia em 1633⁷, por defender a teoria do heliocentrismo, que afirmava que era a Terra que se movia ao redor do Sol (que seria o centro), e não o contrário, como afirmava a Igreja Católica. Esta defendia o geocentrismo por estar de acordo com os textos bíblicos, que colocavam o homem como figura central da criação divina. Estando o homem na Terra, ela teria que estar, portanto, no centro do Universo.

Desta forma foi se enraizando a ideia de que ciência e religião seriam, necessariamente, polos opostos e inconciliáveis, e que o indivíduo precisaria necessariamente fazer sua escolha por uma ou por outra.

Sabe-se atualmente que isto não é verdade, visto que houve muitos grandes cientistas que também professavam uma fé religiosa, o que não foi impeditivo para desenvolverem grandes teorias e avanços tecnológicos, como: Issac Newton, Johannes Kepler, Louis Pasteur, Robert Boyle, Antoine Lavoisier e Wilhelm Leibniz, entre outros.

1.3 O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DO SURGIMENTO DA PSICOLOGIA

Dois séculos depois da morte de Santo Tomás de Aquino, se inicia uma época de grandes e profundas transformações sociais: o *Renascimento*.

Com a descoberta de novas terras (América e as rotas do Pacífico) propiciada pela expansão do *mercantilismo*, nações em formação (França, Espanha, Portugal, Itália, Inglaterra) iniciam o processo de transição para o

⁶ Também chamada de Santo Ofício, a Santa Inquisição foi uma instituição era formada pelos tribunais da Igreja Católica que perseguiram, julgavam e puniam pessoas acusadas de heresia, blasfêmia, bruxaria e costumes considerados desviantes.

⁷ Para evitar que fosse queimado vivo, Galileu Galilei se viu obrigado a renegar suas ideias através de uma confissão, lida em voz alta perante o Santo Conselho da Igreja.

capitalismo, como o que se inicia um profundo processo de reorganização social.

O *Renascimento* também traz consigo uma grande mudança na concepção do homem, e a visão de mundo se deslocou da relação com a natureza e com o divino para a relação do homem consigo mesmo e com o corpo social que o cerca.

Esta nova visão de mundo e de homem traz consigo uma visão humanista, que dará a base para as correntes filosóficas e psicológicas homônimas.

O processo político e social impulsionado pela burguesia⁸, os novos habitantes dos “burgos”, que foram se tornando a classe dominante neste novo modelo mercantilista, e que estavam cada vez mais insatisfeitos com as amarras ao desenvolvimento econômico impostas pelo sistema de monarquia assim como pela Igreja.

Com o advento da imprensa, o avanço das grandes navegações e do conhecimento científico em geral, assim como pelo fortalecimento econômico de um grupo diferente da nobreza e da Igreja, assim como pelo grande e rápido crescimento demográfico das zonas urbanas, o sistema feudal⁹ como um todo começou a declinar.

Esta nova visão de mundo e de ser humano baseada no cientificismo começa a confrontar os dogmas religiosos impostos até então. O empoderamento vertiginoso do homem comum e a crítica profunda e, muitas vezes, ácida ao sistema social vigente, também se traduz na arte e na ciência.

⁸ Naquele momento composta pelos produtores e comerciantes, detentores dos bens de produção e dos capitais. Com o tempo, esta classe foi mudando e ficando composta durante a Revolução Industrial, principalmente por banqueiros e empresários das indústrias.

⁹ O feudalismo foi a forma de organização social e econômica instituída na Europa Ocidental entre os séculos V a XV, durante a Idade Média. Baseava-se em grandes propriedades de terra, chamadas de feudos, que pertenciam aos senhores feudais, e a mão de obra era servil, não existindo nenhuma forma de mobilidade (ascensão) social.

Por volta de 1300, *Dante Alighieri* escreve a *Divina Comédia*¹⁰; em 1513, *Nicolau Maquiavel* escreve *O Príncipe*¹¹; em 1610, *Galileu Galilei* estuda a queda dos corpos, iniciando as experiências da física moderna, além, claro, de postular o conceito de heliocentrismo, já visto acima.

Neste período também surge um dos filósofos mais importantes para o avanço da ciência, *René Descartes* (1596-1659). Ele postulou o conceito de separação entre mente (alma, espírito) e corpo, afirmando que o homem possui uma substância material e uma pensante, e que quando separadas, a substância material (corpo) era apenas uma máquina.

Este conceito dualista tornou possível, entre outras coisas, o início dos estudos práticos de *Anatomia* e *Fisiologia*, já que o estudo do corpo humano era algo impensável nos séculos anteriores, podendo ser até mesmo passível de condenação por heresia.

O avanço dos estudos da Anatomia e Fisiologia humana sem dúvidas representam um marco também para o surgimento da *Psicologia* como ciência, mais adiante.

Todo este processo desencadeia outra grande mudança no paradigma humanista da época: o até então absoluto *teocentrismo*¹² é substituído pelo *antropocentrismo*¹³, considerando que a verdade não é mais concebida como

¹⁰ A *Divina Comédia* é um poema de viés épico e teológico da literatura italiana e mundial, escrito por Dante Alighieri, escritor, poeta e político florentino, no século XIV. É dividido em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. Em suas páginas podem ser encontradas severas críticas ao sistema feudal e à dominância da Igreja, inclusive com a presença de personalidade políticas e religiosas da época em diversos círculos do Inferno.

¹¹ Nicolau Maquiavel foi um filósofo, historiador, poeta, diplomata e músico de origem florentina. Em sua principal obra, *O Príncipe*, enumera as condições necessárias para que um soberano absoluto fosse capaz de conquistar, reinar e, principalmente, manter seu poder, em detrimento de toda e qualquer ética e moral.

¹² Teocentrismo (do grego θεός, theos, “Divindade”; e κέντρον, kentron, “centro”) é a filosofia ou doutrina que considera Divino o fundamento de toda a ordem no mundo. Nesta visão, o significado e o valor das ações feitas às pessoas ou ao ambiente são atribuídos à Divindade, visão de mundo que justificava e mantinha o poder e a dominância da Igreja na sociedade medieval.

¹³ O Antropocentrismo é uma concepção que considera a humanidade como centro do universo, que é avaliado de acordo com a sua relação com o ser humano. Esta visão de mundo exalta a razão e o conhecimento empírico, em antagonismo ao pensamento mágico e sobrenatural dominante até então.

emanação direta de Deus, mas sim do saber humano, da busca permanente pela reflexão empírica e científica, e não mais pelos dogmas verticais preconcebidos e disseminados pela Igreja, e endossados e mantidos pela monarquia.

A visão de mundo e da própria existência humana se centraliza agora no próprio homem e sua capacidade de compreensão e posicionamento diante da realidade, e não mais nas forças da natureza, como no mundo grego, ou em um Deus, como no mundo feudal.

A busca por conhecimento ganhou um grande impulso, indo buscar na fonte da antiguidade clássica (filosofia) o respaldo para o espírito cientificista e reforço da razão e da ciência. O homem renascentista deixa de ser criatura, sujeita aos desígnios do destino, e passa a ser criador, pleno de livre arbítrio e autodeterminação.

Toda a sequência de grandes mudanças decorrentes desta quebra de paradigma se traduziu nos pressupostos da *Revolução Francesa*¹⁴: Igualdade, Liberdade, Fraternidade.

Estes princípios fundamentais aparecem na introdução da nova Constituição, seção chamada e consagrada como “*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*”. Neste documento fica evidente a visão humanista do Renascimento e do então *Iluminismo*¹⁵ liberal burguês, com grande influência da recém declarada independência dos Estados Unidos da América (1776), na qual também se defendia a liberdade, a igualdade jurídica e a propriedade.

Um pouco antes, o Filósofo alemão Christian Wolff (1734) tinha dividido a Psicologia em duas:

- a) *Psicologia empírica*: estabelecimento, por meio da experiência, dos princípios do que ocorre na alma humana.

¹⁴ A Revolução Francesa, ciclo revolucionário que aconteceu entre 1789 e 1799, foi responsável pelo fim dos privilégios da aristocracia e pelo término do Antigo Regime. A Queda da Bastilha aconteceu em 14 de julho de 1789 e foi o marco que espalhou a revolução pela França.

¹⁵ O Iluminismo, também conhecido como Século das Luzes e Ilustração, foi um movimento intelectual e filosófico que dominou o mundo das ideias na Europa durante o século XVIII, “O Século da Filosofia”.

- b) *Psicologia racional*: estudo filosófico das questões sobre a essência da alma, sua origem, imortalidade e relação com o corpo.

Já durante a Revolução Francesa a nova escola ideológica rejeita a palavra “Psicologia”, por estar associada aos antigos conceitos metafísicos, uma vez que representava a “ciência da alma”.

*Auguste Comte*¹⁶, nascido pouco depois da Revolução Francesa, também criticou o caráter espiritualista do conceito da Psicologia, considerando-a anticientífica desde o seu viés positivista, uma vez que seria impossível a observação científica de si mesmo. Ele defendia que a Fisiologia e a Sociologia seriam ciências mais adequadas para o estudo do comportamento humano.

Assim, em meio a profundas mudanças sociais e intensos debates ideológicos, a Psicologia caminhava para uma versão mais científica de si mesma, uma versão que desse conta dos anseios e das complexidades da estrutura psíquica e social do homem moderno.

1.4 A PSICOLOGIA CIENTÍFICA

No século XIX, com a consolidação do novo modelo social e a nova ordem econômica, o *Capitalismo*¹⁷, que acelerou o processo de *Industrialização*¹⁸, o pensamento científico se mostrou mais necessário do que nunca para poder resolver todos os desafios que se apresentavam.

¹⁶ Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857) foi um filósofo francês que formulou a doutrina do Positivismo. Ele é considerado como o primeiro filósofo da ciência no sentido moderno do termo. Comte também é visto como o fundador da disciplina acadêmica de Sociologia.

¹⁷ O Capitalismo é um sistema econômico baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o principal objetivo de adquirir lucro.

¹⁸ A Industrialização ou Revolução Industrial foi o processo histórico e social através do qual a indústria se tornou o setor dominante da economia, mediante a substituição de instrumentos, técnicas e processos de produção artesanais para industriais, resultando em aumento da produtividade dos fatores e a geração de riqueza. Este processo teve grande impacto na organização social, entre eles a generalização do

Neste novo paradigma social, seria a ciência a nova força que resolveria os problemas decorrentes das mudanças vertiginosas, assim como seria também a que maximizaria os lucros e, portanto, direcionaria todo o mercado financeiro.

Desta forma, a ciência que já tinha sido considerada herética e, até pouco tempo atrás, era vista ainda com desconfiança, ganhava nesta nova sociedade um lugar de destaque, de panaceia.

A sociedade feudal tinha se caracterizado pela sua estabilidade quase estática. Nada mudava, não existiam grandes avanços tecnológicos, a economia era apenas de subsistência, sem grandes trocas com reinos distantes, não havia mobilidade de estratos sociais, não surgiam novas verdades. Tudo era previsível.

A ciência e depois o Capitalismo colocaram este mundo estático em um frenético movimento. Primeiro os dogmas imutáveis da Igreja são postos em xeque, depois a Terra (geocentrismo) sai do centro do universo para dar lugar ao Sol (heliocentrismo), e depois os deuses (teocentrismo) cedem seu espaço para os homens (antropocentrismo). As trocas comerciais agora cruzam os oceanos e apontam para outros continentes, o servo se torna homem livre e escolhe seu trabalho e ainda pode subir nos estratos sociais até tornar-se um burguês.

Como se tudo isto não fosse suficiente, *Charles Darwin*¹⁹ dá o golpe de graça e enterra de vez o antropocentrismo com sua *Teoria da Evolução*²⁰, e o homem deixa de ser a criatura por excelência.

Num momento em que tudo parece mutável, o empirismo parece ser o sistema mais confiável para observar, descrever e compreender o mundo e as formas em que o homem se insere nele.

No referente às ciências humanas, este movimento de empirismo científico promoveu a observação do ser humano por meio do modelo

trabalho assalariado, o incremento da urbanização, o desenvolvimento do setor de serviços e, principalmente, a ascensão da burguesia ao topo da pirâmide social.

¹⁹ Charles Robert Darwin (1809 – 1882) foi um naturalista, geólogo e biólogo britânico, célebre por seus avanços sobre evolução nas ciências biológicas, e postulador da Teoria da Evolução das Espécies.

²⁰ A Teoria da Evolução é uma das pedras angulares da ciência moderna. A ideia de que as espécies mudam gradualmente por meio de um mecanismo chamado de seleção natural revolucionou a compreensão do mundo vivo, assim como da origem do ser humano.

positivista de Comte, focando na investigação experimental dos fenômenos psicológicos observáveis no mundo físico, distante das abstrações teóricas e filosóficas que não pareciam mais confiáveis.

Em meados do século XIX, os problemas e temas da Psicologia, que até então eram estudados apenas pelos filósofos, passam a ser objeto de estudo da Física, da Fisiologia e da Neurofisiologia.

Algumas descobertas destas áreas são extremamente importantes para o desenvolvimento da Psicologia como ciência. Em 1846 e Neurologia descobre que as doenças mentais estão intimamente relacionadas com as células cerebrais. A Neuroanatomia descobre que algumas funções motoras não estão necessariamente ligadas à consciência, como os reflexos ou também denominados no futuro pelo *Behaviorismo*²¹ como comportamentos respondentes.

No final do século XIX o Psicólogo francês *Ribot*²² publicou seus estudos sobre a influência da hereditariedade nos aspectos psicológicos, com base nos estudos de Psicofisiologia.

Nesta mesma época, na Alemanha, acontece o que foi denominado como o nascimento da Psicologia propriamente dita, no ano de 1879, quando *Wilhelm Wundt*²³ cria o primeiro laboratório e Psicologia na Universidade de Leipzig.

Wundt postulou que *o objeto de estudo da Psicologia é a experiência consciente imediata*. Nessa perspectiva, a Psicologia seria uma ciência que investiga como um sujeito apreende sensações e sentimentos (conteúdos mentais básicos da experiência imediata).

Ele escreveu o livro *Princípios de Psicologia Fisiológica*, no qual investigou a percepção sensorial, que buscava reduzir aos elementos mais simples (sensações e imagens), ao mesmo tempo que buscou definir os princípios pelos quais estes elementos simples se associavam para produzir percepções e funções mais complexas, como o pensamento e a memória.

²¹ Ver Unidade 3, Seção 1.

²² Théodule-Armand Ribot (1839 – 1916), psicólogo francês, foi professor de Psicologia Experimental na Sorbonne e na Universidade de França.

²³ Wilhelm Maximilian Wundt foi um médico, filósofo e psicólogo alemão. É considerado um dos fundadores da psicologia experimental junto com Ernst Heinrich Weber e Gustav Theodor Fechner.

Um dos grandes avanços foi também a delimitação do objeto de estudo da Psicologia, diferenciando-a finalmente da Filosofia, o que lhe atribuiu finalmente o *status de ciência*.

Sob o novo status, os padrões de pesquisa e produção de conhecimento passam a:

- a) *Delimitar seu objeto de estudo* (o comportamento, a vida psíquica, a consciência).
- b) *Delimitar seu campo de estudo*, diferenciando-o de outras áreas do conhecimento, como a Filosofia e a Fisiologia.
- c) *Formular métodos de estudo* desse objeto.
- d) *Formular teorias* enquanto corpo de conhecimentos consistentes na área.

A fundamental importância de Wundt e do Laboratório de Leipzig foi que o mesmo se transformou *no primeiro centro internacional de formação de Psicólogos*. Desde o início de suas atividades como diretor do Laboratório, Wundt orientou e treinou toda uma geração de psicólogos experimentais das mais diversas nacionalidades, que, de volta aos seus países de origem, procuraram fundar novos laboratórios de psicologia com base no Laboratório de Leipzig.

Por este motivo, o perfil do *psicólogo experimental* constituiu uma das primeiras formas de identidade na formação dos novos psicólogos, juntamente com as atividades associadas à Psicanálise de *Sigmund Freud*²⁴.

1.5 A PSICOLOGIA COMO PROFISSÃO

Em meio a um cenário político e econômico de desenvolvimento do Brasil e, devido às indústrias em constante crescimento, a Psicologia já existente no país, mas ainda vinculada à Psiquiatria e também à Filosofia, ganha reconhecimento como profissão em 27/08/1962, conforme *Lei 4.119*, que além de regulamentar, também estabelece normas para a atuação profissional, bem como um currículo mínimo para a formação na área.

²⁴ Ver Unidade 2.

Na ocasião da promulgação da Lei, as práticas psicológicas consolidadas no período perfaziam apenas as áreas clínica, educacional e organizacional, já que na época eram campos de atuação mais promissores no sentido de impulsionar a nova ciência.

No entanto, com a ditadura militar, a Psicologia perdeu notoriedade, uma vez que o clima punitivo imperava nas esferas governamentais e, por assim dizer, a liberdade de pensamento e questionamentos (tão intrínsecos aos profissionais psicólogos) não eram aceitos. O reflexo desse cenário foi notório na educação, uma vez que a disciplina de Psicologia que já fazia parte da formação do ensino de 2º Grau fora excluída como disciplina obrigatória.

Teóricos e praticantes da Psicologia, bem como estudantes de graduação passaram a questionar todo o contexto político e econômico vivenciados em meados de 1960 e início dos anos 70 e, mesmo diante de um cenário com severas restrições e sanções, conseguiram ganhar notoriedade com discursos que buscavam o fomento para a prática da Psicologia voltada às camadas sociais com menor poder aquisitivo.

A partir daí surge o *Conselho Federal de Psicologia*, em 1971, sob o controle do Ministério do Trabalho. Já em 1975, tal órgão oficializa o primeiro *Código de Ética Profissional*, reformulado posteriormente, em 1979. Sabe-se que após algumas revisões, a última atualização referente ao Código de Ética da Profissão se deu em 2005.

Como já dito anteriormente, as práticas existentes que se referiam à atuação psicológica, antes mesmo da regulamentação, estavam bastante voltadas à *Educação*, ao *Trabalho* e também à *Clínica*. Essa última, como forma de atuação mais elitizada, sofria muitas barreiras pela classe médica, já que somente tal classe realizava atendimentos clínicos. O foco de atuação da Psicologia na época basicamente consistia em entender o comportamento humano, bem como os desvios de conduta e, por fim, os fatores motivacionais relacionados ao trabalho.

No Brasil, dentre as teorias renomadas na Psicologia, tem-se o conhecimento de que a *Psicanálise* surgiu em 1925, com a prática do recém-formado médico psiquiatra, Durval Bellegarde Marcondes. Já a *Psicologia Comportamental*, por sua vez, ganhou força em meados de 1960, com a vinda de Fred S. Keller para a Universidade de São Paulo e Universidade de Brasília. Sabe-se que o Brasil é hoje o maior centro de análise do comportamento depois dos Estados Unidos.

Ao longo da trajetória da Psicologia e sua construção como profissão no Brasil, novas possibilidades de atuação foram surgindo, como:

- a) *Psicologia Social*: voltada aos estudos e atuação grupais, comunitárias e à compreensão sócio-histórica do indivíduo inserido na sociedade.²⁵
- b) *Psicologia Hospitalar*: tem como objetivo ajudar o paciente e o familiar a lidarem com os aspectos psicológicos do adoecimento e do processo de internação.
- c) *Psicologia Jurídica*: focada na atuação do Psicólogo no âmbito judiciário.²⁶
- d) *Psicologia do Esporte*: a atuação consiste basicamente em fomentar a saúde em seu contexto integral; além de promover a autonomia, a autoconfiança e a independência do sujeito, uma vez que trabalha o aspecto físico e emocional do indivíduo, de maneira a conciliar as exigências (tanto físicas como psicológicas) na prática do exercício físico.

Sabe-se que a Psicologia está em constante crescimento e, obviamente, novos mercados de atuação ganharão visibilidade assim como novas vertentes atreladas à teoria psicológica e à saúde mental também ganharam espaço no século XXI, como exemplos: a constelação familiar, a psicologia positivista, dentre outras. Enfim, é fato que a Psicologia estará sempre buscando novas ramificações de atuação, a fim de buscar entender a complexidade infinita da existência humana.

²⁵ Ver Unidade 4, Seção 1.

²⁶ Ver Unidade 4, Seção 3.

CONSIDERAÇÕES

A história da formação e consolidação da Psicologia atravessa toda a história da humanidade, estando intimamente ligada com toda a formação do pensamento humano, assim como da sua compreensão de mundo, incluindo as suas divindades e as diferentes organizações sociais que existiram.

Como ciência nova e ainda em formação, a Psicologia vem se adaptando as vicissitudes da contemporaneidade, buscando consolidar seu espaço como profissão, numa sociedade que cada vez mais necessita de recursos para sustentar uma saúde mental fragilizada pelas mudanças sociais cada vez mais rápidas e profundas.

“Não há nada bom nem mau a não ser estas duas coisas: a sabedoria
que é um bem e a ignorância que é um mal”

Platão – *A República*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. M. *História da Filosofia Antiga*. Curitiba: FASBAMPRESS, 2021.
- ARAÚJO, Saulo de Freitas. Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 9-14, 2009.
- ASSIS, F. E.; FIGUEIREDO, S. E. F. M. R. A atuação da psicologia hospitalar, breve histórico e seu processo de formação no Brasil. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 37, n. 98, p. 501-512, 2019.
- BAIGENT, M.; LEIGH, R. *As intrigas em torno dos manuscritos do Mar Morto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. 13. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRAGHIROLI, E. M. et al. *Psicologia Geral*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO – CRP-SP. *Procedimentos Éticos: 50 Anos de Cuidados*. Disponível em: http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/174/frames/fr_institucional3.aspx. Acesso em: 30/08/2021.
- CROSSAN, John Dominic. *Jesús: una biografía revolucionaria*. Buenos Aires: Planeta: 1996.
- DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: McGraw do Brasil, 1983.
- FREZZATTI JR., Wilson Antonio. O papel da evolução na construção da Psicologia Científica na França do século XIX: Théodule Ribot contra a metafísica. *Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNHCT – UFMG*, Belo Horizonte, 2014.
- GRABOWSKI, Stanislaus J. *La Iglesia: introducción a la teología de San Agustín*. Madrid: 1965.
- ITO, P. C. P.; GUZZO, R. S. L. Diferenças individuais: temperamento e personalidade; importância da teoria. *Estud. Psicol.*, Campinas, v. 19, n. 1, p. 91-100, 2002.

MOREIRA, Fernando José de Santoro. Empédocles, Aristóteles e os elementos. *Anais de Filosofia Clássica (UFRJ)*, v. 6, n. 12, p. 39-55, 2012.

RIBEIRO JR., W.A. Aspectos reais e lendários da biografia de Hipócrates, o “pai da medicina”. *Jornal Brasileiro de História da Medicina*, v. 6, n. 1, p. 8-10, 2003.

TODOROV, J. C.; HANNA, E. S. Análise do Comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. especial, p. 143-153, 2010.

UNIDADE 02 – A PSICANÁLISE

Maria Isabel Rossini Tridapali

Nelcy Lima Colares

Pablo Kurlander

02

Objetivo da Unidade: conhecer a criação e desenvolvimento da Psicanálise de Sigmund Freud, sua influência na Psicologia e os seus desdobramentos teóricos e práticos.

Conteúdos da unidade:

- 1) Sigmund Freud e a Psicanálise
- 2) Ego, Superego, Id
- 3) Os desdobramentos da Psicanálise
- 4) Os desdobramentos da Psicanálise
- 5) Jung e a Psicologia Analítica

2.1 SIGMUND FREUD E A PSICANÁLISE

Sigmund Freud nasceu em 6 de maio de 1856 na cidade de Freiberg, Moravia (atual Tchecoslováquia). Aos 4 anos, devido a problemas financeiros na família, precisou se mudar de cidade indo para Viena. Entre estudos, trabalho e pesquisa, sabe-se que Freud viveu a maior parte do tempo de sua vida neste local.

Freud destacou-se desde criança nos estudos e, devido ao fato de ser judeu, as únicas profissões, naquela época, que lhe eram permitidas, compreendiam as áreas de Medicina e Direito. Sendo assim, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena em 1873, terminado o curso oito anos depois. Lá era tratado como inferior e estranho, exatamente por ser judeu, fato esse que lhe possibilitou lidar com críticas e frustrações de forma a edificar sua personalidade.

Após o término do curso de Medicina, iniciou sua vida profissional atuando em clínica particular, a contra gosto, já que seus interesses estavam direcionados à observação e exploração científica. No entanto, mesmo com a atuação em clínica, foi ganhando notoriedade e, por consequência, decidiu especializar-se em Psiquiatria.

Devido ao fato de Freud interessar-se pela causalidade entre distúrbios físicos e sintomas mentais, cabe mencionar que, durante seus estudos, acabou utilizando cocaína, e buscou descobrir seus efeitos fisiológicos e psicológicos, uma vez que tal substância era capaz de alterar o sono, impedir a fome e o cansaço e robustecer o esforço intelectual. A título de curiosidade, vale dizer que a princípio Freud foi defensor do uso da cocaína, porém, com o passar do tempo, tornou-se apreensivo em relação às propriedades viciantes que tal substância possui, interrompendo então suas pesquisas sobre o assunto.

Ao final da residência médica, Freud obteve uma bolsa de estudos para Paris. Lá conheceu *Jean Charcot*, psiquiatra francês que utilizava a hipnose como método para tratar quadros de histeria. E sob a influência desse e de *Breuer*²⁷, médicos renomados no cenário parisiense, Freud passou então a direcionar seus estudos à área da hipnose e, de volta a Viena, em 1895, explorou a dinâmica da *histeria*. A origem da histeria é muito antiga, remontando-se a Hipócrates (460 a.C. – 370 a.C.), e se referia a uma suposta condição médica peculiar a mulheres, causada por perturbações no útero (*hystera* em grego). Para Freud, a origem da *histeria* estaria na repressão sexual. De acordo com a psicanálise, a organização histérica, entendida como um modo de funcionamento psíquico, caracteriza-se por uma busca permanente, incansável e inconsciente de uma pessoa em ser o objeto do desejo de outra.²⁸

²⁷ Josef Breuer foi um médico e fisiologista austríaco, cujas obras lançaram as bases da psicanálise. Breuer descobriu, em 1880, que ele havia aliviado os sintomas de depressão e hipocondria (histeria) de uma paciente, Bertha Pappenheim, depois de induzi-la a recordar experiências traumatizantes sofridas por ela na infância. Para isso Breuer fez uso da hipnose e de um método novo, a terapia de conversa.

²⁸ LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Inicialmente buscou tratar a histeria por meio da hipnose que teria aprendido com *Charcot*²⁹, no entanto, pouco tempo depois, considerou que o tratamento com hipnose não era tão efetivo quanto se imaginava e então criou outro método chamado *Associação Livre*. Este método consiste em que o paciente expresse indiscriminadamente todos os pensamentos que lhe ocorrem, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de sonho), quer de forma espontânea.³⁰

A partir de suas constantes pesquisas e estudos sobre comportamento, componentes mentais e manifestações sintomáticas relacionadas entre mente e corpo, tem-se o conhecimento que em 1896 utilizou pela primeira vez o termo Psicanálise. Em 1900, por sua vez, foi publicada *A Interpretação de Sonhos*, importante obra de Freud, mas que, todavia, não teve atenção devida na época.

Com o passar dos anos e devido às pesquisas e estudos sobre o funcionamento da mente, sobretudo com sua titulação como Psiquiatra, Freud foi ganhando notoriedade e também adeptos de sua teoria. Nesse ínterim destacam-se: Sandor Ferenczi, *Carl Gustav Jung*³¹, Alfred Adler, entre outros. A partir daí o movimento psicanalítico começou a crescer, sendo publicada uma revista, na ocasião.

Após muitos encontros, discussões de casos e debates teóricos; divergências de pensamento sobre a base teórica e prática da Psicanálise começaram a existir e então alguns médicos que compunham o time de psicanalistas deixaram seus postos para então fundarem outras escolas de pensamento, rompendo contato, portanto, com Freud. Dentre os divergentes estão Jung e Adler, entre outros.

Vale à pena mencionar que o tempo dedicado à pesquisa e fundamentação teórica sobre psicanálise renderam a Sigmund Freud o total de 24 volumes produzidos e também ensaios sobre a prática clínica. No

²⁹ Jean-Martin Charcot (1825-1893) foi um médico e cientista francês; alcançou fama no terreno da psiquiatria e neurologia na segunda metade do século XIX. Foi um dos maiores clínicos e professores de medicina da França e fundador da neurologia moderna. Durante as suas investigações, Charcot concluiu que a hipnose era um método que permitia tratar diversas perturbações psíquicas, em especial a histeria.

³⁰ LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

³¹ Ver Unidade 2, Seção 5.

entanto, devido a grande parte da teoria de Freud discorrer sobre sexualidade, moralidade social e religiosa, dentre outros temas polêmicos, em 1933, nazistas queimaram uma considerável quantia de seus manuscritos, fato esse que não o intimidou, já que alegou ser um progresso temporal o ocorrido, comparando o fato com a época da Idade Média, em que as pessoas eram queimadas em praça pública por divergirem suas ideias da cúpula política, religiosa e ideológica da sociedade.

Sigmund Freud morreu em 23 de setembro de 1939, em Londres, devido a um agravamento de saúde decorrente de câncer na boca e mandíbula, descoberto em 1923. Sabe-se que Freud passou por 33 cirurgias para tentar conter a doença.

Ainda que sofrendo pela doença que o acompanhou por 16 anos, o pai da Psicanálise, como é conhecido, não deixou se abater por problemas de saúde que porventura ocorriam e, sobretudo, pelas críticas sociais e profissionais sofridas, deixando um legado precioso por meio de suas obras e teorias aos aspirantes a psicanalistas, bem como a psicólogos e psiquiatras.

Diante do contexto vivido e obras produzidas, a contribuição de Freud é comparável a de Karl Marx na compreensão dos processos históricos e sociais, já que tratou de assuntos até então desconsiderados como: os sonhos, a fantasia, a sexualidade, o esquecimento, o comportamento humano em sua interioridade, a formação dos processos psíquicos, dentre outros temas complexos, mas que em seus autos ganharam o valor da ciência, originando, por assim dizer, a *Psicanálise*. Atualmente é sabido que a abordagem psicanalista é uma das mais difundidas e renomadas linhas de atuação nas áreas da psicologia clínica, psiquiatria e medicina.

2.2 ID, EGO E SUPEREGO

Nesta seção serão abordadas as três instâncias psíquicas propostas por Sigmund Freud: Id, Ego e Superego. No entanto, antes de descrevê-las, é necessário informar sobre a formação do aparelho psíquico, isto é, os *Sistemas e Instâncias* que o compõem.

Primeira Tópica ou Teoria Topográfica

Para compor o aparelho psíquico, Freud entendeu que estruturas topográficas compunham a mente tendo uma função e um local apropriados. A isso nominou *Primeira Tópica ou Teoria Topográfica*, já que “tópica” vem de “topos”, que em grego significa lugar. Essas estruturas também chamadas *Sistemas* são denominadas: *Inconsciente* (Ics), *Pré-Consciente* (Pcs) e *Consciente* (Cs).

Inconsciente: é a parte mais arcaica da mente; construído por traços mnêmicos (lembranças primitivas). Nessa região estão os impulsos, desejos e tudo que foge à razão. Não há tempo, espaço, dúvidas e incertezas nesse local. O inconsciente é de natureza obscura, misteriosa. Aí encontram-se as pulsões e desejos, as paixões, o prazer, a criatividade, o medo. Não há lugar para a censura aqui.

Pré-consciente: essa é a porção moduladora entre o inconsciente e consciente. É a estrutura da mente que pode ser compreendida como filtro entre os dois sistemas (inconsciente e consciente). A linha de compreensão entre Ics e Pcs é bastante tênue. Porém, o conteúdo que a priori tenha passado pelo crivo da censura, agora se instalou no pré-consciente.

Consciente: no sentido descritivo, é a “qualidade momentânea que caracteriza as percepções externas e internas no conjunto dos fenômenos psíquicos”³². É a zona psíquica que possui contato com o mundo exterior. Nessa estrutura cabe tudo o que está disponível à mente, isto é, o que se tem percepção e nítida clareza, de informações e vivências.

A Segunda Tópica, ou Teoria Estrutural

Ao longo dos estudos, percebendo que a estrutura da psique estava incompleta somente com a compreensão dos sistemas descritos anteriormente (Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente), Sigmund Freud criou o chamado *Modelo Estrutural do Aparelho Psíquico*, dando origem então às três instâncias denominadas: *Id*, *Ego* e *Superego*.

³² LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 93.

Id: de estrutura mais arcaica, constitui o pólo pulsional da personalidade. Nele estão os desejos, o prazer mais primitivo e a ausência de racionalidade e controle. Ai estão as ações referentes ao automatismo, ao impulso, isto é, uma instância que busca a satisfação imediata.

Ego: desenvolvido já na primeira infância, com as relações de afeto, bem como com as sanções estabelecidas entre pais e filhos, o ego tem por característica uma função mediadora entre as instâncias denominadas *Id* e *Superego*, tornando-se então o equilíbrio entre os desejos daquela e as sanções que essa última preconiza.

Superego: tem sua formação por introjeção de conteúdos paternos e surge a partir de uma modificação do Ego no intuito de poder controlar os impulsos do *Id* de maneira mais veemente. Por consequência, tem uma função mais punitiva. É a instância que funciona como um *juiz ou censor*. É essa instância a responsável pelo sentimento de *culpa* que porventura o ser humano sinta. Entende-se aqui que há a busca incessante pela moralidade e bons costumes na conduta e, sobretudo, pensamento humano.

Diante de tais esclarecimentos, é possível compreender então que a Primeira e Segunda Tópicos propostas por Freud, correspondem aos Sistemas e Instâncias, respectivamente.

Ademais, torna-se importante ressaltar a existência de dois *Princípios* que regem o funcionamento mental e estão intimamente relacionados aos Sistemas e Instâncias, são eles: *Princípio do Prazer* e *Princípio da Realidade*.

O *Princípio do Prazer* tem por função evitar o desprazer mental, já que isso geraria excitação demasiada à estrutura mental.

Por conseguinte, o *Princípio da Realidade* é conhecido como princípio regulador, já que se impõe perante o Princípio do Prazer, isto é, consegue adiar o prazer imediato (prerrogativa do princípio do prazer) a fim de obter o máximo de prazer posterior com o mínimo de consequências negativas à mente.

Entende-se, portanto, que a mente humana, segundo a visão de Freud, no que condiz às estruturas e instâncias, vive em constante luta para obter prazer conforme as circunstâncias vivenciadas pelo sujeito, já que tais

experiências são equilibradas pelo Consciente, bem como o Ego, para que não haja prejuízos socioemocionais ao ser humano, diante de uma vida somente baseada em experiências que busquem o prazer (Id/Incs) ou tampouco pautada apenas em sanções (Superego).

2.3 A PSICANÁLISE PÓS FREUDIANA DE WINNICOTT

Sobre Donald W. Winnicott

Nascido na Grã-Bretanha na cidade de Plymouth, viveu sua infância na casa de seus pais, junto com duas irmãs mais velhas que ele, sendo o único filho homem. Certa vez tendo se referido ao fato de que por ser frequentemente sido deixado pelo pai aos cuidados de numerosas mães, as coisas nunca teriam completamente se endireitado. A ausência paterna deixou suas marcas em Winnicott. Atividades políticas e de trabalho ocupavam a maior parte do tempo do pai. A família protestante residia em uma mansão, eram apaixonados fortemente pela arte em geral, com uma predileção particular pela música.

Mandado por seu pai aos 13 anos para um internato em Cambridge, após este ter ouvido Winnicott dizer um palavrão, foi também em Cambridge que ele começou a estudar medicina, carreira que escolheu aos 16 anos, motivado por uma fratura que sofreu e pela esperançosa decisão de jamais depender de médico no caso de alguma doença.

Quando iniciou a Primeira Guerra Mundial em 1914, Winnicott então com 18 anos foi auxiliar de enfermagem em Cambridge, tendo posteriormente se alistado na marinha, onde permaneceu até o fim da guerra, após o que deu continuidade aos seus estudos se formando como médico em Londres, já em 1920.

Ao ter contato com a obra de Sigmund Freud, Winnicott identificou a psicanálise como a visão que estava procurando, submetendo-se em 1923 a sua primeira análise que durou dez anos, fazendo análise depois, já em 1940 com Joan Rivière. Teve seu primeiro casamento em 1924, divorciando-se em 1948 logo após a morte de seu pai. Casou-se novamente em 1951, com sua segunda esposa que conheceu durante a Segunda Guerra, quando foi psiquiatra das Forças Armadas.

Habilitado psicanalista em 1935 pela Sociedade Britânica de Psicanálise, teve Melanie Klein como supervisora de 1935 a 1940. Foi

psicanalista do filho de Klein e ela foi psicanalista da esposa de Winnicott. Teve com Klein uma longa amizade, em que pese as divergências técnico-teóricas. Winnicott presidiu em dois períodos a Sociedade Britânica de Psicanálise.

O médico e psicanalista que trouxe um olhar novo e especial à psicanálise, em particular aos estágios do desenvolvimento humano, morreu em 1971 por conta de uma doença cardiopulmonar, quando ainda em atividade, tendo sido um preletor para diferentes públicos e tornado mais acessível seus estudos e obras, inclusive por transmissões de rádio.

Conceitos da obra Winnicottiana

A ênfase do meio ambiente no desenvolvimento psíquico do ser humano é fortemente presente em toda a obra de Winnicott. Ele traz em seus estudos um olhar e construção científicas sobre uma tendência ao desenvolvimento e a unificação que é inata que se atualiza enquanto ocorrem os processos de maturação. Processos que no plano psíquico vão ser uma expressão aplicada ao *Id*, *Ego* e *Superego*³³, melhor dizendo, a sua formação e evolução. Além daqueles mecanismos defensivos que o ego elabora em um indivíduo sadio.

A saúde psíquica se daria, portanto, a partir de um bom e livre desenrolar destes processos maturativos. A partir da perspectiva de interação entre o desenvolvimento psíquico e o meio, podemos falar brevemente de alguns conceitos centrais de sua obra, dentre os quais, *a fase de dependência absoluta* situada aproximadamente nos seis primeiros meses de vida do ser humano, quando o bebê se encontra totalmente dependente do meio, sendo nesta época, sua mãe ou quem a substitua. Entretanto o bebê não tem conhecimento de seu estado de dependência, para o bebê, ele e o meio são uma coisa só.

Outro conceito importante é o que trata das *três funções maternas*, sobre as quais Winnicott fala que embora no início da vida as necessidades do bebê sejam de ordem corporal, há necessidades ligadas ao desenvolvimento do aparelho psíquico para a formação do ego, as quais a mãe vai se adaptar empregando as três funções maternas, as quais são: a *apresentação do objeto*, o *holding* e o *handling*. Funções estas que são realizadas de forma simultânea.

³³ Ver Seção anterior.

Na *apresentação do objeto* é significativamente forte o exemplo dado a partir da apresentação do seio ou de seus substitutos, como a mamadeira, que se tornam não apenas a primeira experiência de refeição real, como também a teórica. Nessa experiência da primeira refeição, apresentada pela mãe ao bebê, que está pronto para imaginá-lo e para o encontrar. É a partir da somatória das experiências precoces de muitas refeições que o bebê pode viver a experiência da primeira refeição teórica.³⁴

O *holding*, segunda função materna, é o sustentar, é a proteção que a mãe deve dar frente aos perigos físicos, considerando a sensibilidade de seus sentidos, de sua pele, a uma eventual queda, seu desconhecimento e o quanto ele é ignorante em relação a realidade externa a ele. É algo que se dá através de uma rotina que se repete de cuidados cotidianos. No aspecto psíquico, essa sustentação é alicerce para o desenvolvimento do *ego* bebê, para que ele possa ter referências em estáveis e simples, extremamente necessárias para seguir na integração de tempo e espaço. O *holding* é, portanto, uma sustentação física e psíquica vital para o desenvolvimento.

A terceira função materna, exercida pelas rotinas de manejo do bebê durante os cuidados a ele dedicados é o *handling*. Os banhos, o ninar, o colocar para dormir, o trocar-lhe a roupa, dão ao bebê a percepção da experiência de que ele está vivendo dentro de um corpo, faz a integração entre sua vida psíquica e sua vida física, a personalização

Winnicott propõe a distinção entre dois *selves*, o falso e o verdadeiro, ambos presentes em todos, com diferentes proporções entre uma pessoa e outra. O *self verdadeiro*, o qual é o que nos interessa aqui, é construído pela pessoa a partir de suas tendências inatas, expresso através do gesto espontâneo de ideias pessoais. Esse conceito pode ser melhor entendido a partir dos de *mãe suficientemente boa e mãe insuficientemente boa*.

Para Winnicott a *mãe suficientemente boa* é aquela que se adapta, teoricamente, as necessidades do bebê em seus primeiros meses de vida de forma perfeita, ou seja, possibilita uma convivência com ela sem que a saúde psíquica dele sofra prejuízos, se adapta criando um ambiente suficientemente bom, favorável a constante atualização de si necessária ao bebê. Permite um desenvolvimento de suas tendências inatas, de continuidade e do *self verdadeiro*.

³⁴ NASIO, Juan-David. *Introdução as obras de Freud, Ferenczi, Grodeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

A *mãe insuficientemente boa*, não é necessariamente uma mãe real, pode ser uma circunstância, uma situação na qual o bebê está inserido. Winnicott coloca ela como uma mãe incapaz de identificar-se com o filho e suas necessidades, substituindo as respostas que deveria dar as necessidades e gestos espontâneos que o bebê lhe apresenta, pelos seus próprios.

Considerações

O presente texto pretende dar uma visão sintética de alguns conceitos da obra de Winnicott, construída a partir do alicerce teórico e prático da psicanálise criada por Freud, mas que adquire uma identidade própria. Médico, pediatra, psicanalista: são as três bases de formação levaram Winnicott a elaboração dos conceitos apresentados aqui. As circunstâncias de sua vida, inexoravelmente se fazem presentes e evidentes aos que estudam sua obra e fazem sua prática a partir de seu referencial teórico. O médico viveu as duas maiores guerras da história, e trouxe essa bagagem para o atendimento a crianças, mães, famílias que de uma forma ou de outra foram por elas afetadas.

A construção de conhecimento sobre a necessidade do acolhimento, da sustentação e da atenção ao bebê, que terá reflexo em todos os estágios da vida futura das pessoas, torna sua obra escrita ou transmitida pelos vários programas de rádio e entrevistas das quais participou, uma das mais importantes e ainda atuais abordagens psicanalíticas existentes.

2.4 OUTROS NOTÁVEIS PÓS FREUDIANOS

Melanie Klein

Nascida Melanie Reize em 30 de março de 1882 em Viena, passando a chamar-se depois de Melanie Klein, foi entre as mulheres uma das pioneiras na psicanálise, construindo uma obra na qual reconhece em suas construções e contribuições a teoria, de forma integral a contribuição freudiana. Klein esteve no nascimento dos *tratamentos com crianças* fundamentados na psicanálise.

Fez seus estudos ainda na Áustria, noivou aos 17 anos, jovem, mas nada destoante para a época, morando depois de casar-se em Budapeste, Hungria. Klein teve como primogênito Hans, morto aos 26 anos em um acidente, como segunda filha uma menina de nome Melita e depois Erich,

seu terceiro filho. No interlúdio de tempo entre 1907 e 1914, ano em que ao ler *O sonho e sua interpretação*, de Freud, conheceu a psicanálise, o que despertou nela o desejo de se dedicar aos estudos e prática analítica.

Em 1916 foi passou a ser analisanda de Sandor Ferenczi³⁵. Com uma visão determinada pela convicção de que os fundamentos da psicanálise são sólidos, foi admitida na Sociedade Psicanalítica de Budapeste, após apresentar seus estudos sobre o desenvolvimento de uma criança, um menino, na verdade seu filho Erich apresentado no estudo com o nome de Fritz.

O cerne do trabalho psicanalítico de Melanie Klein se encontra na *técnica do brincar*. Tal técnica não é a *observação analítica ou a ludoterapia*, não está reduzida a elas. O psiquismo de uma criança ainda pequena não é provido de associação verbal, ou seja, não pode fazer associações livres. Embora elas possam traduzir o que sentem em palavras, a angústia faz oposição, resistência, as associações verbais, daí o surgimento do brincar no lugar de uma condensação que ainda não lhe é possível, tomando no sentido psicanalítico o lugar da palavra que vem no lugar de outra, do que a angustia atrapalha.

A partir do brincar como eixo central da formação do inconsciente, Klein realizou importantes descobertas como: a formação arcaica do superego, a precocidade dos estádios edipianos, os três aspectos do primado da mãe, a transferência e a castração.

Indo aos conceitos da mais própria originalidade de seus conceitos, Melanie Klein teve suas próprias descobertas, fez sua própria metapsicologia, desenvolvida em três textos principais: *O tríptico da posição depressiva*.

Melanie Klein foi uma das psicanalistas mais influentes e singulares da história. Apesar das divergências contundentes na época, com psicanalistas também de grande relevância como Anna Freud e o próprio Freud, sustentou suas teorias e hoje a aceitação de sua obra é mundial, sendo particularmente referência na psicanálise com crianças.

³⁵ Sándor Ferenczi foi um psicanalista húngaro, um dos mais íntimos colaboradores de Freud.

Françoise Dolto

Parisiense de família burguesa, Françoise Marete nasceu em 06 de novembro de 1908, casou-se em 1942 com Boris Dolto, falecido em 1981. Quando Françoise tinha 12 anos sua irmã mais velha veio a falecer, provocando dificuldades significativas na convivência familiar, pela depressão que sua mãe sofreu.

Após a conclusão do ensino secundário, sem lhe ter sido permitido entrar no ensino superior, Françoise formou-se enfermeira. Após algum tempo pôde entrar na escola de medicina e formar-se médica. Em 1938 ingressou na Sociedade Psicanalítica de Paris e começou o trabalho como psicanalista. Viveu o período das sucessivas cisões nas sociedades psicanalíticas, aderindo pôr fim à Escola Freudiana de Paris, com *Lacan*³⁶.

A partir de 1978 passou a se dedicar mais a publicação de livros e artigos, posteriormente, inaugurou a “Casa Verde” onde atendia as crianças de uma creche. Por conta de uma infecção pulmonar, Françoise Dolto faleceu em 25 de agosto de 1988.

A obra de Dolto é rica em temas sobre os quais se debruçou e elaborou, como o da *relação mãe-filho e a triangulação*, pelo que se uma mãe que a nutra, é indispensável para o desenvolvimento psicológico saudável de uma criança pequena, o pai também é, a partir de um papel distinto de maneira radical do materno. Essa triangulação iniciada na fecundação se consuma no nascimento, pelo encontro do desejo dos genitores e de um sujeito que se encarna em um corpo. Nos primeiros meses do bebê, essa tríade se pretenderá diáde, pela necessidade que este tem de eleger uma única pessoa para se relacionar, podendo ele assim se centrar em seu interior. Essa pessoa eleita mediará a relação do bebê com as outras pessoas, mantendo, porém pelo vínculo formado entre ela e o bebê a possibilidade de ele se manter íntegro. A continuidade de tal relação de caráter tutelar é indispensável para a criação de uma memória de “si mesmo – o outro”, pela segurança narcísica que cria. Tal presença humana é indispensável mediadora das percepções e instituidora de sentido e humanização.

³⁶ Jacques-Marie Émile Lacan foi um importante médico e Psicanalista francês. A psicanálise lacaniana tem como base principal a consideração do inconsciente estruturado como a linguagem.

Lou Andreas-Salomé

Caçula de uma prole de seis irmãos e única filha mulher, nasceu em 12 de fevereiro de 1861 a escritora e psicanalista Lou Andreas-Salomé. O pai, um general russo, a tinha como filha preferida, a superprotegia e mimava, e a influência de ter crescido entre tantos homens é destacada em sua obra. De ligação terna com o pai e de uma relação com a mãe marcada pela cumplicidade, via nela a imagem personificada do materno e do feminino, como aceitação da obediência da submissão feminina, da qual discordava. Casou-se com Friedrich Carl Andreas permanecendo casada com ele até seu falecimento em 1930, embora com relações abertas.

Antes do casamento com Andreas, Lou recusou os pedidos de casamento dos filósofos Friedrich Nietzsche e Paul Rée, propondo, entretanto, a ambos que formassem uma trindade, em comunhão fraterna intelectual. Em 1897 conheceu Rainer Maria Rilke, poeta por quem se apaixonou não apenas intelectualmente, mas como homem.

Lou conheceu Sigmund Freud durante a *Belle Époque*, marcada pela efervescente produção literária, intelectual e artística, surgindo ali que se iniciou uma amizade que durou até a morte de Lou em 1937. De toda forma, o primeiro encontro entre eles teria se dado em 1911, no 3º Congresso de Psicanálise da *Intenacional Psychoanalytical Association*, no qual o fascínio de Lou pela psicanálise se tornou maior, o fazendo ir a Viena em outubro de 1912 estudar psicanálise.

Lou constrói sua prática na clínica psicanalítica conquistando a admiração de Freud, que lhe encaminhava pacientes. Mesmo não tendo feito muitas contribuições teóricas para a psicanálise, não por falta de talento, mas por preferir enriquecer a teoria com suas próprias análises e na discussão frequente com Freud dos casos que atendia, buscando dar melhor direcionamento. Ela conquistou o lugar dela na psicanálise pelo seu posicionamento competente intelectual e crítico que fizeram diversas vezes Freud repensar pontos de textos que ele a havia enviado, chegando a reescrever alguns deles.

Lou Andreas-Salomé morreu em 1937, no dia 5 de fevereiro, tendo sido para Freud uma amiga, cuja amizade se desenvolveu de forma e intensidade inesperadas. Foi não somente uma interlocutora importante, mas com sua espontaneidade, vigor e doçura, uma força de equilíbrio diante da vaidade que tende a seduzir os grandes gênios.

2.5 JUNG E A PSICOLOGIA ANALÍTICA

Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que desenvolveu a Psicologia Analítica, uma teoria complexa e fascinante que abrange um enorme espectro de comportamentos humanos, incluindo investigações sobre os sonhos, manifestações artísticas, religiões orientais e ocidentais, alquimia, parapsicologia e mitologia.

Seu pai, assim como outros parentes próximos, foram pastores Luteranos, motivo pelo qual as questões religiosas e filosóficas fizeram parte central de seu desenvolvimento, desde sua primeira infância.

Jung concebia a psique humana desde sua natureza simbólica, e esse simbolismo foi o cerne de sua investigação pessoal e profissional. Ao longo de sua vida, ele experimentou sonhos periódicos e visões com notáveis características mitológicas e religiosas, os quais despertaram ainda mais o seu interesse por mitos, sonhos e a psicologia da religião, sendo um dos maiores estudiosos da análise de sonhos e simbolização.

Em 1900 tornou-se residente e depois Diretor do *Hospital Psiquiátrico Burgholzli* em Zurique, um dos mais conhecidos e prestigiosos hospitais psiquiátricos de toda a Europa. O Burgholzli era também a cidadela da Psicanálise, o único hospital do mundo em que o sistema terapêutico de Freud era utilizado no tratamento dos doentes, dirigido pelo renomado Psiquiatra *Eugene Bleuler*³⁷.

Neste Hospital, Jung montou um laboratório experimental de associação de palavras para diagnóstico psiquiátrico. Nesta clínica também passou a estudar o valor diagnóstico das manifestações inconscientes por meio a arte produzida pelos pacientes.

Nesse período, Jung entrou em contato com a obra de Freud, e viu nele um eco para suas percepções e lhe enviou cópia de seus trabalhos sobre a existência do inconsciente. O primeiro encontro deles em 1907 se converteu numa conversa de 13 horas seguidas. Durante a amizade, que durou cerca de 7 anos, trocaram inúmeras cartas³⁸ sobre experiências pessoais, sonhos, análises, confidências e casos clínicos.

³⁷ Paul Eugen Bleuler (1857-1939) foi um psiquiatra suíço notável pelas suas contribuições para o entendimento da esquizofrenia, esquizoide e autismo.

³⁸ Foram publicadas 359 correspondências entre Jung e Freud escritas de 1906 a 1913.

O rompimento da amizade se deu em 1912, quando Jung publica o livro “Símbolos da transformação”, no qual se opunha à teoria de Freud de que todas as causas das neuroses viriam de traumas sexuais (Complexo de Édipo), sendo que para Jung este seria apenas um dos diversos possíveis complexos que o ser humano experienciaria em sua vida.

Ao longo de sua impressionante carreira na construção da Psicologia Analítica, Jung teve uma vasta produção técnica na qual elaborou conceitos muito importantes para a compreensão da psique humana.

A seguir serão apresentados os conceitos mais importantes da sua teoria, no intuito de oferecer ao leitor uma visão panorâmica da forma como ele viu o mundo e o homem.

Tipos psicológicos

Jung propôs *quatro funções principais* da consciência: duas funções de percepção ou não racionais (*Sensação e Intuição*) e duas funções de julgamento ou racionais (*Pensamento e Sentimento*). Essas funções são modificadas por dois tipos principais de atitude: *extroversão e introversão*.

Jung propõe que a função dominante, junto com a atitude dominante, caracteriza a consciência, enquanto seu oposto é reprimido e caracteriza o inconsciente. Com base nisso, os *oito tipos psicológicos*³⁹ marcantes são:

- 1) Sensação extrovertida / Sensação introvertida
- 2) Intuição extrovertida / Intuição introvertida
- 3) Pensamento extrovertido / Pensamento introvertido
- 4) Sentimento extrovertido / Sentimento introvertido.

Inconsciente coletivo

Seria a camada mais profunda da psiquê. Ele é constituído pelos conteúdos que foram herdados, e é nele que residem os traços funcionais, tais como imagens virtuais, que seriam comuns a todos os seres humanos. O

³⁹ JUNG, Carl Gustav. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991. (Coleção: CG Jung Obra Completa, n. 6).

inconsciente coletivo também tem sido compreendido como um arcabouço de arquétipos cujas influências se expandem para além da psiquê humana.⁴⁰

Arquétipo

Conceito que se refere ao conjunto de imagens primordiais que dão sentido aos complexos mentais e às histórias passadas entre gerações, formando o conhecimento e o imaginário do inconsciente coletivo. Funcionam como estruturas inatas, imateriais, com que os fenômenos psíquicos tendem a se moldar, e servem de matriz para a expressão e desenvolvimento da psique. Também é associado a experiências universais, como nascimento, morte, parentalidade, família, etc.⁴¹

Complexo

Um complexo é um padrão central de emoções, memórias, percepções e desejos no inconsciente pessoal organizado em torno de um tema comum. Este foi um dos conceitos que provocou o rompimento de Jung com Freud, já que para Jung havia uma grande variedade de complexos para além do Complexo de Édipo.

Anima e animus

Sendo parte da teoria do inconsciente coletivo, Jung descreveu o *animus* como o lado masculino inconsciente de uma mulher, e a *anima* como o lado feminino inconsciente de um homem, cada um transcendendo a psique pessoal.

Persona

É a instância psíquica responsável pela interação com os outros e com o meio de maneira geral, e se manifesta nos papéis desempenhados na vida. O termo *persona* refere-se à máscara usada no teatro grego antigo, através da qual o ator fazia sua voz amplificar-se e espalhar-se pelo ambiente.

⁴⁰ JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

⁴¹ JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Sombra

Em paralelo à constituição da consciência e do ego, vai-se formando o inconsciente pessoal, fruto do recalque de conteúdos incompatíveis com a consciência que está sendo desenvolvida. O *inconsciente pessoal* corresponde ao que Jung posteriormente passa a chamar de *sombra pessoal*, ou seja, todos os conteúdos não vividos e não expressados pela *persona*.

Individuação

A ideia que Jung expressa com este conceito é o processo por meio do qual a pessoa se torna mais completa, mais ela mesma e autêntica, mais participante de maneira ética, compromissada, singular e significativa em seu contexto e relações. O processo de individuação nunca acaba, estendendo-se por toda a vida do indivíduo.

“Muitas vezes me perguntaram qual era meu método psicoterapêutico ou analítico; não posso oferecer uma resposta unívoca. Cada caso exige uma terapia diferente. Quando um médico me diz que ‘obedece’ estritamente este ou aquele ‘método’, duvido de seus resultados terapêuticos. [...] Não é possível estabelecer regras gerais senão *cum grano salis*, com a reserva necessária. [...] Uma solução falsa para mim pode ser justamente a verdadeira para outra pessoa”.⁴²

⁴² JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 165.

CONSIDERAÇÕES

A contribuição do pensamento e dos trabalhos de Sigmund Freud para a mudança do paradigma da compreensão humana é inegável e profunda, assim como a sua importância para a construção da Psicologia como instrumento de cura e a influência marcante em várias gerações de pensadores, Filósofos e Psicólogos.

Depois dele, a visão do homem sobre si mesmo nunca mais foi a mesma, ao perceber que está longe de ser o senhor de seus próprios atos, das suas vontades e das suas paixões. Freud inaugurou uma era de arqueologia psíquica, na qual o homem pode aventurar-se nas profundezas de si mesmo.

“As emoções não expressas nunca morrem.
Elas são enterradas vivas e saem de piores formas mais tarde”
Sigmund Freud

REFERÊNCIAS

- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Carta aberta a Freud*. São Paulo: Princípio. 1931.
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Nietzsche em suas obras*. São Paulo: Brasiliense. 1992.
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Minha vida*. São Paulo: Brasiliense. 1985.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRAGHIROLI, E. M. et al. *Psicologia Geral*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CINTRA, E. M. U.; RIBEIRO, M. *Por que Klein?* São Paulo: Zagodoni. 2018.
- DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: McGraw do Brasil, 1983.
- DOLTO, Françoise. *Psicanálise e pediatria*. Rio de Janeiro: Zahar. 1980.
- DOLTO, Françoise. *Seminário de psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.
- DOLTO, Françoise. *Auto-retrato de uma psicanalista*. Rio de Janeiro: Zahar. 1990.
- FORDHAM, Frieda. *Introdução à Psicologia de Jung*. São Paulo: Verbo, 1990.
- FREUD, S.; ANDREAS-SALOMÉ, L. *Freud – Lou Andreas-Salomé*. Correspondência completa. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FULGÊNCIO, Leopoldo. *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodoni, 2016.
- JACOBI, Jolande. *La Psicologia de C. G. Jung*. 3. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1976.
- JUNG, Carl Gustav. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991. (Coleção: CG Jung Obra Completa, n. 6).
- JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Org. Aniela Jaffé. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

KLEIN, Melanie. *Amor culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. 1985.

KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. 1991.

KLEIN, Melanie. *A psicanálise das crianças*. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEDOUX, Michel. *Introdução a obra de Françoise Dolto*. Rio de Janeiro: Zahar. 1991.

MALUCELLI, D. S.; VERNIZI, R. *Psicanalistas do século XX*. São Paulo: Aller. 2019. (Vol. 1).

NASIO, Juan-David. *Introdução as obras de Freud, Ferenczi, Grodeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

WINNICOTT, Donald. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

WINNICOTT, Donald. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, Donald. *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald. *Holding e Interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, Donald. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald. *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald. *Da pediatria a psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

UNIDADE 03 – AS ESCOLAS DE PENSAMENTO

Pablo Kurlander

Danilo Mazzoni

Vinicius Marinacci Cardim

03

Objetivo da Unidade: conhecer as principais Escolas de Pensamento da Psicologia, os principais teóricos e seus conceitos fundamentais, assim como as possibilidades práticas de cada uma destas abordagens.

Conteúdo da Unidade:

- 1) A Psicologia Comportamental
- 2) Terapias Cognitivo Comportamentais
- 3) Psicologia Fenomenológica-Existencial
- 4) Humanismo
- 5) Psicologia do Desenvolvimento

3.1 A PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL

Ao falar da Psicologia Comportamental, é necessário entender que ela se consolida a partir de três áreas:

1. Behaviorismo Radical
2. Análise Experimental do comportamento
3. Análise do Comportamento Aplicada

Behaviorismo Radical

Trata-se de um campo filosófico de base naturalista, ou seja, busca explicar todas as ações humanas a partir de eventos naturais, refutando elementos sobrenaturais ou metafísicos, possibilitando assim o enquadre em modelos científico de maior rigor.

O termo “*behaviorismo*” se refere a comportamento (*behavior*, na língua inglesa) e o termo “radical” no sentido de origem ou raiz. Deste modo, tal proposta filosófica se propõe a entender de forma objetiva a origem do comportamento humano, assim como o que o mantém ocorrendo, o impede ou suprime de ocorrer.

Algo importante que precisa ser esclarecido é que “*comportamento*” não se refere apenas a ações humanas mecânicas ou observáveis. Em uma filosofia, ciência ou prática comportamental, o termo “comportamento” se refere a toda e qualquer interação humana com o contexto em que está inserido (ex.: correr, dormir, chorar, pensar, conversar, bocejar, namorar, sonhar, amar, sentir, etc.).

Todo comportamento ocorre por um motivo, por uma função, e ter essa compreensão é justamente o objetivo do Behaviorismo Radical. Por quê aquela criança chora só na presença da mãe? Por que não conseguimos manter a dieta, mesmo estando tão dispostos a perder peso? Por que aquela pessoa continua bebendo, mesmo com tantos prejuízos? Por que aquele homem rói as unhas? Por que aquele adolescente tentou suicídio? Por que salivamos só de pensar em sorvete de limão? Por que o cachorro latiu?

Criar uma nomenclatura para padrões de comportamento não é descobrir a sua origem. Não podemos dizer que um indivíduo classificado como dependente químico usa substâncias simplesmente por ser dependente químico, ou que um indivíduo classificado como depressivo está triste porque tem depressão. Existiram variáveis causais que construíram este *modus operandi* e estas variáveis que selecionam o comportamento podem ser agrupadas em três níveis:

1. O *filogenético*, ou seja, a história da nossa espécie e tudo que herdamos geneticamente.
2. O *ontogenético*, que se refere a toda a história de vida do organismo, todas as experiências e as modificações que elas causaram nesta pessoa.
3. Os *fatores culturais*, elementos e práticas da cultura que estão em constante evolução e influenciam os comportamentos dos indivíduos que estão nela inseridos.

Análise Experimental do Comportamento

Trata-se de uma ciência do comportamento, práticas nas quais são realizados estudos e experimentos em laboratórios – ambientes controlados, onde é possível isolar variáveis e analisar minuciosamente seus efeitos e impactos no comportamento. Em contextos laboratoriais foi possível identificar mais a fundo os fatores determinantes do comportamento, podendo classificá-los como *respondentes* e *operantes*.

No *paradigma respondente*, entendemos que os comportamentos são respostas involuntárias a estímulos e no *paradigma operante* os comportamentos são produzidos e mantidos pelas consequências que ocorrem após a emissão destes. No caso do operante, dizemos que o comportamento é mantido pelo *Reforço*, ou seja, consequências que gratificam e fortalecem este comportamento, aumentando a probabilidade de que este ocorra novamente em contextos semelhantes.

Abaixo, exemplos destas categorias em alguns comportamentos:

Quadro 1 – Exemplos de categorias de comportamentos

Salivar diante de um prato de comida	→	Respondente
Transpirar num dia de calor	→	Respondente
Criança gritar para ganhar atenção da mãe	→	Operante
Fechar os olhos diante da luz forte	→	Respondente
Comer um chocolate	→	Operante
Beijar a pessoa que gosta	→	Operante
Sentir raiva quando o celular quebra	→	Respondente
Conversar com amigos	→	Operante
Sentir-se bem ao conversar com amigos	→	Respondente

Um *comportamento respondente* depende de um estímulo eliciador, ou seja, um “gatilho” para que o comportamento ocorra. São

comportamentos informalmente descritos como “involuntários” ou “automáticos”, geralmente envolvendo musculatura lisa (vísceras e órgãos) e glândulas. Já o *comportamento operante* é uma classe mais complexa, que depende de uma relação funcional com o ambiente, envolvendo um contexto (estímulos antecedentes), uma resposta comportamental a estes estímulos que, a depender da consequência esta resposta voltará ou não a ocorrer, ou até mesmo, pode ocorrer de modo mais ou menos intenso, com alterações e variabilidades. São aqueles comportamentos informalmente descritos como “voluntários”, envolvendo mais a musculatura estriada, processos de linguagem, pensamento, interação social e etc.

O *comportamento operante* pode ser compreendido a partir de uma tríplice, chamada “contingência de três termos”:

Figura 1 – Tríplice contingência no Behaviorismo



Se partirmos de uma resposta isolada, pouco se sabe sobre o comportamento, como nos exemplos anteriores. Imagine alguém com uma das mãos aberta, com o braço estendido e com os dedos levemente entreabertos. Qual a função deste comportamento? Observando a tríplice contingência, rapidamente entende-se a função comportamental:

Quadro 2 – Exemplo de função por resposta comportamental

Estímulo antecedente	Resposta	Consequência
Um amigo está indo embora.	Pessoa mostra a mão aberta	Amigo responde: “Tchau, até logo!”
Uma criança pergunta: “quantos anos eu tenho, mamãe?”	Pessoa mostra a mão aberta	Criança entende, ao contar os dedos: “ah é, eu tenho cinco anos!”
Avistar um amigo em uma festa.	Pessoa mostra a mão aberta	Amigo responde: “Oi! Quanto tempo!”

Um condutor com um carro está passando pela rua enquanto a pessoa está atravessando.	Pessoa mostra a mão aberta	Condutor freia o carro e aguarda a travessia
--	-----------------------------------	--

O exemplo acima mostra que uma mesma resposta comportamental pode ter funções diferentes dependendo do contexto.

Análise do Comportamento Aplicada

As *psicoterapias comportamentais* não se limitam a um único modelo, sendo muitas delas mais específicas para determinadas questões humanas. No entanto, todas elas se valem dos princípios do Behaviorismo Radical e dos conhecimentos científicos obtidos em pesquisas de base.

No caso do crianças com *Transtornos do Espectro Autista*, por exemplo, utiliza-se a *ABA – Applied Behavior Analysis for Autistic Children* (Análise do Comportamento Aplicada para Crianças com Autismo), prática sólida em evidências científicas na qual são focadas estratégias de ensino de comportamentos de fala, leitura, escrita, dentre outros, como a diminuição de comportamentos agressivos ou auto lesivos.

Para pessoas com problemas existenciais, cotidianos ou que sofrem de transtornos de humor ou personalidade, existem a *Psicoterapia Analítico-Funcional*, *Psicoterapia Analítico-Comportamental* e a *Psicoterapia Dialética Comportamental*.

Para traumas e transtorno obsessivo-compulsivo, existem técnicas de enfrentamento e dessensibilização sistemática comuns nas *Terapia de Exposição com Prevenção de Respostas*.

Cabe ressaltar que a *Terapia Cognitivo-Comportamental*⁴³ não pertence às psicoterapias de natureza Behaviorista Radical e da Análise do Comportamento, pois embora compartilhem a nomenclatura, possuem bases filosóficas distintas, especialmente no conceito de comportamento e a origem deste.

Outros modelos de aplicação da Análise do Comportamento também são utilizados em diversas áreas do conhecimento como nas atividades de grupo, treinos de Habilidades Sociais, desenvolvimento de jogos, Psicologia

⁴³ Ver Seção seguinte.

Organizacional, Engenharia Cultural, entretenimento, esportes, dentre outros.

Todas as terapias comportamentais, ao seu modo, utilizam a tríplice contingência e as relações respondentes no desenvolvimento de intervenções visando o fortalecimento das relações da pessoa com o mundo e com a sua própria subjetividade. Um psicólogo ou médico que seja Analista do Comportamento pode inclusive atuar com mais de uma destas especialidades, considerando todas terem a mesma raiz filosófica.

3.2 A TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

Os fundamentos da Terapia Cognitivo-Comportamental podem ser encontrados há milhares de anos nas tradições filosóficas orientais, como o taoísmo e budismo, bem como nos pensamentos filósofos concernentes ao estoicismo.

O ponto que converge essas diferentes linhas de raciocínio no desenvolvimento da TCC, refere-se à condição de que os processos cognitivos são elementares a formação de pensamentos e emoções. Por isso, entende-se que os comportamentos são decorrentes de processos cognitivos, ou seja, a cognição tem primazia sobre a emoção e o comportamento.

Neste sentido, mais relevante que os fatos em si são as interpretações que fazemos dos fatos que influenciarão o modo como vamos sentir e agir. *“Os homens não se perturbam pelas coisas que acontecem, mas sim pelas opiniões sobre as coisas”* (Epicteto).

Há diferentes teóricos que contribuíram para o desenvolvimento das Terapias Cognitivo-Comportamentais. Dentre eles destacam-se: a *Terapia Racional Emotiva*, de Albert Ellis (1962) e a *Teoria do Aprendizado Social*, de Albert Bandura (1969).

No entanto, *Aaron T. Beck* foi o pioneiro no desenvolvimento completo de teorias e métodos que pautaram as intervenções cognitivas e comportamentais sobre diferentes tipos de transtornos emocionais.

A princípio, as formulações de Beck enfatizaram o processamento de informações desadaptativas em transtornos como a depressão e a ansiedade. Atualmente, as teorias formuladas por Beck e por diversos colaboradores contemplam uma ampla gama de transtornos, como por exemplo: transtornos de personalidade, alimentares, bipolar, abuso de substâncias, dentre outros.

É importante ressaltar que a Terapia Cognitivo-Comportamental é oriunda da elaboração de diferentes teóricos. De fato, Aaron T. Beck é o nome mais expressivo neste âmbito, visto que seu modelo cognitivo-comportamental é o mais aceito e propagado nos meios acadêmicos e científicos. Em vista disso, o modelo descrito ao longo deste texto dará ênfase para o modelo cognitivo-comportamental de Aaron T. Beck.

O modelo Cognitivo Comportamental

Independente do autor ou modelo teórico a que pode se fazer referência, todas as Terapias Cognitivo-Comportamentais compartilham alguns pressupostos básicos:

- a) A atividade cognitiva influencia o comportamento.
- b) A atividade cognitiva pode ser monitorada e alterada.
- c) Mudanças na cognição determinam mudanças no comportamento.

O modelo básico da TCC é um constructo usado para auxiliar na compreensão de problemas clínicos. O terapeuta que se pauta neste modelo interventivo, a princípio, está interessado na relação entre pensamentos, emoções e comportamentos.

Um evento comum do nosso cotidiano pode gerar diferentes formas de sentir e agir em diferentes pessoas. Todavia, não é o evento em si que gera as emoções e os comportamentos, mas sim o que nós pensamos sobre o evento. Em outras palavras, nossas emoções e comportamentos estão influenciados pelo que pensamos, isto é, nós sentimos o que pensamos.

“Nossa serenidade não depende das situações, mas de nossa reação diante delas” (Buda).

Para compreendermos o modelo cognitivo comportamental, parte-se da premissa de que os eventos ativam os pensamentos, os quais geram como consequência as emoções e os comportamentos. Neste sentido, a mesma situação pode gerar diferentes interpretações em diferentes indivíduos, assim como diferentes interpretações podem ser realizadas pelo mesmo indivíduo sobre a mesma situação, a depender do seu estado emocional.

A sequência para definir o comportamento seria então:

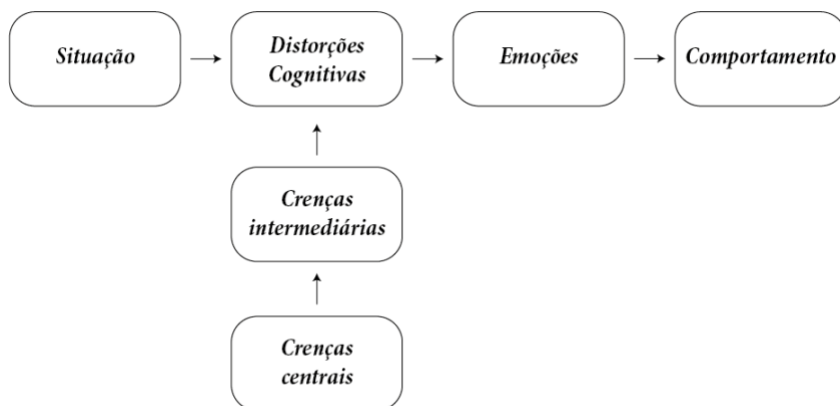
- a) Situação.
- b) Pensamentos.
- c) Emoções.
- d) Comportamento.

Posteriormente, dá-se ênfase também para a realização de uma conceituação cognitiva de cada indivíduo, procedimento que, por sua vez, elucidará processos mais elementares, sendo eles os esquemas cognitivos, compostos por crenças centrais e crenças intermediárias.

São estes esquemas mais elementares (crenças centrais e intermediárias) que influenciarão as distorções cognitivas. O termo “*distorções cognitivas*” é empregado para ilustrar determinados vieses que ocorrem no modo de pensar.

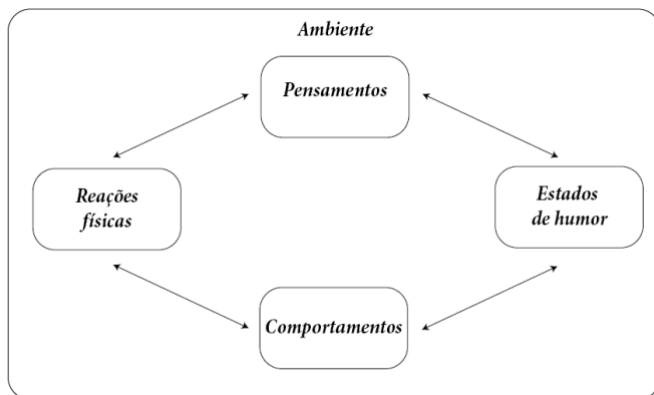
É importante destacar que todos os indivíduos cometem distorções cognitivas, no entanto, sabe-se que há uma forte correlação entre distorções cognitivas e transtornos mentais, ou seja, pessoas diagnosticadas com determinado transtorno mental tem uma probabilidade maior para vivenciar distorções cognitivas.

Figura 2 – Modelo de Esquema Cognitivo na TCC.



É válido destacar que a TCC não é meramente um modelo linear em que as situações ativam pensamentos, que geram como consequência uma resposta emocional, comportamental e física. Há uma interação recíproca entre pensamentos, sentimentos, comportamentos, fisiologia e ambiente.

Figura 3 – Esquema da uma interação recíproca entre pensamentos, sentimentos, comportamentos, fisiologia e ambiente



É reconhecido que as emoções podem influenciar os processos cognitivos e, ao mesmo tempo, que os comportamentos também podem influenciar a avaliação de uma situação, seja pela modificação da própria situação ou por evocar respostas de outras pessoas. Por fim, destaca-se que a mudança em qualquer um desses componentes pode iniciar modificações nos demais.

Terapia Cognitivo-Comportamental na prática clínica

No âmbito clínico, o profissional que embasa suas práticas e atua de acordo com a Terapia Cognitivo-Comportamental dá ênfase para a identificação e modificação das distorções cognitivas. Conforme especificado no decorrer do texto, as distorções cognitivas são vieses que ocorrem no nível dos pensamentos que por sua vez, são oriundos de esquemas cognitivas mais elementares (crenças centrais e intermediárias).

Ressaltou-se também que as emoções e os comportamentos são influenciados pelos pensamentos. Deste modo, modificando a forma de pensar, pode-se alterar a forma de sentir e agir. Ao mesmo tempo,

modificações no ambiente ou no comportamento também podem acarretar modificações nas emoções e nos pensamentos. Considerando estes fatos, atua-se também para modificar variáveis ambientais e controlar estímulos, bem como para desenvolver um novo repertório comportamental.

3.3 PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Muitas vezes confundida com a *Psicologia Humanista*⁴⁴, e com importantes raízes filosóficas comuns, o movimento da *Psicologia Fenomenológico-Existencial* surge na Europa após as grandes guerras, com contribuição de grandes pensadores, apoiados nas bases filosóficas de *Kierkegaard*⁴⁵, *Husserl*⁴⁶, *Heidegger*⁴⁷, *Merleau-Ponty*⁴⁸ e *Sartre*⁴⁹.

Fenomenologia é uma filosofia surgida no final do século XIX, inaugurada com *Edmund Husserl*, que buscou se opor ao pensamento especulativo da filosofia metafísica dominante até então, ao mesmo tempo em que criticava o raciocínio das ciências positivas predominantes naquele cenário histórico.

A *Filosofia Existencialista* foi fundada pelo filósofo dinamarquês *Søren Kierkegaard* no início do século XIX, em oposição ao racionalismo de

⁴⁴ Ver Unidade 3, Seção 4.

⁴⁵ Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) foi um filósofo, teólogo, poeta e crítico social dinamarquês, amplamente considerado o primeiro filósofo existencialista.

⁴⁶ Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938) foi um matemático e filósofo alemão que estabeleceu a escola da fenomenologia. Ele rompeu com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época.

⁴⁷ Martin Heidegger (1889-1976) foi um filósofo, escritor, professor universitário e reitor alemão, amplamente reconhecido como um dos filósofos mais originais e importantes do século XX, muito conhecido por suas contribuições para a fenomenologia e existencialismo.

⁴⁸ Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi um filósofo fenomenológico francês com grande influência da filosofia de Husserl. Professor da Universidade de Paris, de 1945 a 1952 foi co-editor (com Jean-Paul Sartre) da revista *Les Temps Modernes*, a mais importante revista filosófica e literária do pós guerra.

⁴⁹ Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980) foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. Acreditava que os intelectuais têm de desempenhar um papel ativo na sociedade. Era um artista militante, e apoiou causas políticas de esquerda com a sua vida e a sua obra.

Hegel⁵⁰, que dominava o cenário intelectual de então. Kierkegaard considerava um equívoco primordial o fato de o hegelianismo ignorar a existência concreta, ignorar os indivíduos em sua subjetividade, enquadrando a realidade humana em um sistema fechado. Ele afirmava que “o sistemático se opõe à vida assim como o que está fechado se opõe ao que está aberto”. Dessa forma, faz uma filosofia de oposição, que clamava como ponto de sustentação a subjetividade ou a existência concreta, daí sua filosofia chamar-se de “existencialismo”.⁵¹

Este movimento surge num momento histórico em que a insatisfação com o os pressupostos e o resultado do trabalho da Psicanálise proposta por Freud, porém não se identifica como mais uma escola derivada do freudianismo, ou de Jung, Adler e outros. Rollo May⁵² esclarece que, em pelo menos dois pontos, o existencialismo difere dessas correntes: primeiro porque não é criação de nenhum líder isolado, tendo se desenvolvido, espontaneamente, em diversas partes da Europa; em segundo lugar, a psicoterapia existencial não se propõe a fazer acréscimo ou revisão da Psicanálise, mas se apresenta como uma outra maneira de conceber e, portanto, de compreender clinicamente o ser humano.

Nesse sentido, o psicólogo fenomenológico-existencial não considera o paciente como um conjunto de pulsões, fantasmas ou mecanismos de defesa psíquicas, mas como uma pessoa que procura um significado para a sua existência. É a pessoa que dá sentido aos mecanismos e não o contrário.

Com relação às *práticas psicológicas*, as consequências dessa concepção do ser do homem como “existência” demarcam uma atitude clínica nitidamente diferenciada, que podem ser, resumidamente, sistematizadas em três aspectos estritamente articulados entre si:

- a) O abandono de qualquer *redução do humano* a dimensões meramente orgânicas, psicológicas ou sociais, naturalmente compreendidas, isto é, o abandono de qualquer cientificismo objetivante do sofrimento existencial.

⁵⁰ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) foi um filósofo germânico. Sua obra “Fenomenologia do Espírito” é tida como um marco na filosofia mundial e na filosofia alemã.

⁵¹ SCHNEIDER, D. R. Dialogando com o Existencialismo. *Psicologia Brasil*, n. 3, p. 19-26, 2005.

⁵² LESSA, J. M.; DE SÁ, R. N. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. *Análise Psicológica*, n. 3, v. 24, p. 393-397, 2006.

- b) A suspensão de toda *postura técnica e voluntarista*, em que o terapeuta se coloca no lugar daquele que conduz a dinâmica do processo clínico a partir de suas representações técnico-conceituais sobre a existência do paciente ou a partir de seu desejo pessoal de impor mudanças.
- c) O *exercício da atenção e do cuidado livre de expectativas*, em que o outro é convidado a uma lembrança de si como pura “existência” para, a partir daí, perspectivar seus limites e suas possibilidades mais próprias e singulares.⁵³

Considerando esses três aspectos, pode-se entender a atitude clínica como possibilidade do cuidado do psicólogo implicado no movimento de atenção ao cliente como existência, acompanhando-o na tarefa de apropriar-se daquilo que sabe pré-ontologicamente, possibilitando, na sua situação concreta e totalmente singular, que se compreenda e assuma o que ele é e o que pode ser.

Acompanhar o cliente nessa tarefa significa auxiliá-lo a tornar explícito para si mesmo o sentido de suas experiências: dores, alegrias e de suas possibilidades negadas. Nessa compreensão, não há nenhum direcionamento, mas a desconstrução das meras opiniões ditadas pelo falatório do impessoal e a quebra das habitualidades.⁵⁴

3.4 HUMANISMO

O movimento que desembocou no estabelecimento da *Psicologia Humanista* teve seu início no ambiente acadêmico norte-americano do pós-guerra, em 1930, quando surge uma “terceira força” da Psicologia.

Esta nova abordagem psicológica se propunha apresentar uma nova imagem de homem e de método científico defendidas pelo *Behaviorismo* (primeira força), e uma nova imagem de homem e de método terapêutico da proposta pela Psicanálise de Freud (segunda força).

⁵³ DE SÁ, R. N.; BARRETO, C. L. B. T. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudos de Psicologia*, n. 28, v. 3, p. 389-394, 2011.

⁵⁴ DE SÁ, R. N.; BARRETO, C. L. B. T. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudos de Psicologia*, n. 28, v. 3, p. 389-394, 2011.

O antagonismo com o pensamento Behaviorista foi talvez um dos pilares da estruturação do pensamento da Psicologia Humanista, opondo-se principalmente a quatro pontos fundamentais:

- a) Não concordam com a *pesquisa com animais* como acesso a uma compreensão adequada do ser humano.
- b) Exigem que os *temas de pesquisa* da Psicologia não sejam escolhidos por sua adequação ao método experimental, e sim por sua importância para o ser humano e relevância para o conhecimento psicológico.
- c) Opõem à concepção reativa e mecanicista behaviorista do ser humano uma *concepção proativa da natureza humana*: os humanistas argumentam que a motivação humana é intencional e automotivada.
- d) Afirmam que ainda que fosse possível ao Behaviorismo realizar um catálogo completo dos comportamentos humanos possíveis, isto não ofereceria uma descrição adequada da natureza humana pois, seguindo a sentença gestaltista, *a pessoa é mais do que a soma de cada comportamento isolado*. Para os humanistas, o homem é um todo único e indivisível, é uma *gestalt*⁵⁵.

Mas a Psicologia Humanista não se constituiu somente como uma reação ao Behaviorismo, mas também como uma *reação à Psicanálise*, que era considerada por esta determinista, reducionista e dogmática. O foco das críticas dos psicólogos humanistas era de novo a imagem de Homem, desta vez, a admitida pela Psicanálise. Segundo eles, a visão da natureza humana em Freud era pessimista, fatalista e excessivamente centrada no lado negro do ser humano⁵⁶.

Mais tarde, por volta de 1960, é que a Psicologia Humanista veio a consolidar-se, obtendo aceitação como ramo ou abordagem psicológica,

⁵⁵ Para F. Perls, criador da Psicologia da Gestalt, “uma gestalt é um fenômeno irreduzível. É uma essência que aí está e que desaparece se o todo é fragmentado em seus componentes” (PERLS, F. Escarafunchando Fritz: *Dentro e Fora da Lata de Lixo*. São Paulo: Summus, 1979).

⁵⁶ CASTAÑÓN, G. A. Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico. *Memorandum*, n. 12, p. 105-124, 2007.

devido também à mudança de visão de mundo daquela época, com o movimento conhecido como Contracultura, onde mudanças políticas e sociais vieram a contestar o establishment em termos mundiais com um discurso muito aproximado da Psicologia Humanista, que sustentava a condição de independência dos condicionamentos seja internos ou externos, e do potencial de autorrealização do indivíduo.

Tendo o *Existencialismo*⁵⁷ como construto teórico e a *Fenomenologia*⁵⁸ como alicerce prático, a *Psicologia Humanista* aborda temáticas diversas, com uma visão positiva do ser humano, buscando enfatizar as capacidades e potencialidades do indivíduo, e vez de focar-se nas patologias.

Talvez a maior contribuição desta abordagem seja a da experiência consciente, a crença na integralidade entre a natureza e a conduta do ser humano, no livre arbítrio, espontaneidade e poder criativo do indivíduo. Por outro lado, é criticada por se apoiar excessivamente nos aspectos cognitivos conscientes, com aparente desconsideração pelos aspectos inconscientes ou involuntários do comportamento.

Dentre os principais expoentes da Psicologia Humanista encontram-se *Abraham Maslow* e *Carl Rogers*.

Abraham Maslow (1908-1970) é considerado o “pai espiritual” do movimento humanista, e definiu o importante conceito de *Auto-atualização*. Este conceito representa a capacidade inerente de todo ser humano de explorar e usufruir plenamente de seus talentos, capacidades e potencialidades. O desenvolvimento destas levaria para o que ele chamou de *Autorrealização*, conceito que está descrito em um dos seus mais importantes e conhecidos trabalhos: a *Pirâmide das Necessidades*, na qual relaciona 5 níveis de motivação humana de acordo com o tipo de necessidade, sendo estas:

- a) *Necessidades fisiológicas básicas*: fome, sede, sono, sexo, excreção, abrigo.
- b) *Necessidades de segurança*: segurança física (violência, saúde), emprego, estabilidade.

⁵⁷ Ver Unidade 3, Seção 3.

⁵⁸ CASTAÑÓN, G. A. Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico. *Memorandum*, n. 12, p. 105-124, 2007.

- c) *Necessidades sociais*: amor e relacionamento, sentir-se pertencente a um grupo, amizades.
- d) *Necessidades de autoestima*: reconhecimento das nossas próprias capacidades pessoais, aprovação no grupo.
- e) *Necessidades de autorrealização*: desafios, conquistas, desenvolvimento pessoal, sentido da vida.

Aprimorando as ideias de Maslow, *Carl Rogers* criou a teoria psicológica denominada *Terapia Centrada na Pessoa* (TCP), baseado na motivação mediante as forças positivas do sujeito, ou seja, nas características não afetadas pela patologia, que sustentam a dignidade e valor da pessoa, possibilitando a realização construtiva de todas as possibilidades acessíveis.

O elemento central em sua teoria é o conceito de “eu” ou “self”. Para ele este *self* seria o padrão organizado de percepções, sentimentos, atitudes e valores que o indivíduo acredita ser exclusivamente seu. Assim, o *self* seria o componente central da experiência total do indivíduo.

Outros autores importantes para o desenvolvimento da Psicologia Humanista foram *Rollo May*⁵⁹, *Alfred Adler*⁶⁰ e *Erich Fromm*⁶¹, cujas teorias

⁵⁹ Rollo Reece May (EUA 1909-1994), é associado à Psicologia Humanista, embora seja mais identificado como Existencialista, principalmente por utilizar conceitos filosóficos mais contemporâneos. Ele reelaborou o conceito freudiano de inconsciente, trazendo a compreensão do mesmo como uma potencialidade de experiência, ou seja, o conteúdo psicológico não é inconsciente, mas sim ainda não acessado pelo sujeito, o que se dá, segundo ele, pelo registro perceptual.

⁶⁰ Alfred Adler (1870-1937) foi um psicanalista austríaco que rompeu com Freud ao longo de sua carreira, e suas teorias, como a Psicologia do desenvolvimento individual, influenciaram fortemente a Psicologia de Maslow.

⁶¹ Erich Fromm (1900-1980) foi um psicanalista, filósofo humanista e sociólogo alemão. Suas contribuições para a psicanálise, para a psicologia da religião e para a crítica social o estabeleceram como um pensador influente do século XX, embora muitas vezes tenha sido subestimado no mundo acadêmico. Segundo a “Teoria Humanista” de Fromm o homem é potencialmente bom e só se torna uma pessoa má diante de condições adversas. A “Psicanálise Humanista” de Fromm envolve tanto o tipo de caráter e suas influências, como também questiona acerca das bases da sociedade moderna, anti-humanista e mercantil. Muitos de seus livros entraram para a lista dos mais vendidos, notavelmente *A Arte de Amar* (1956) e *Ter ou Ser* (1976). Seus pensamentos também foram amplamente discutidos fora do mundo profissional.

e visões de mundo beberam nas mesmas fontes e contribuíram grandemente no desenvolvimento da Psicologia.

3.5 PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Além de estudar como o ser humano se comporta, como pensa, sente e se relaciona com seu meio, a Psicologia como ciência também se ocupou de estudar a forma como o ser humano cresce e se desenvolve.

Esta área da Psicologia é fundamental tanto no que diz respeito às abordagens clínicas, quanto à participação nos processos de ensino-aprendizagem, ou seja, nas áreas relacionadas com a Educação.

Psicólogos do desenvolvimento enfrentam novos desafios no século XXI. As novas concepções de atuação profissional que enfatizam a prevenção e a promoção de saúde fazem com que profissionais de várias áreas busquem na psicologia do desenvolvimento subsídios teóricos e metodológicos para sua prática profissional.

O que está em questão é o desenvolvimento harmônico do indivíduo, que integra não apenas um aspecto, mas todas as dimensões do desenvolvimento humano sejam elas: biológicas, cognitivas, afetivas ou sociais. Desta forma, a Psicologia do Desenvolvimento faz interface com diversas áreas do conhecimento como: a biologia, antropologia, sociologia, educação, medicina entre outras.⁶²

Existem diversas teorias psicológicas sobre o desenvolvimento humano, construídas com base tanto em observações quanto em pesquisas com grupos e indivíduos, que foram acompanhados desde o nascimento até a idade adulta e a morte.

Dentre os diversos autores que se dedicaram a estes estudos, destaca-se *Jean Piaget*⁶³, que desenvolveu uma das mais importantes teorias do desenvolvimento humano.

⁶² DA MOTA, Márcia Elia. Psicologia do Desenvolvimento: uma perspectiva histórica. *Temas em Psicologia*. v. 13, n. 2, p. 105, 2005.

⁶³ Jean William Fritz Piaget (1896-1980) foi um biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço. Foi o nome mais influente no campo da educação durante a segunda metade do século 20, a ponto de quase se tornar sinônimo de pedagogia.

Tradicionalmente o estudo do desenvolvimento humano focou o estudo da criança e do adolescente, ainda hoje muitos dos manuais de psicologia do desenvolvimento abordam apenas esta etapa da vida dos indivíduos.

Evidentemente é extremamente importante compreender as particularidades do desenvolvimento da criança, para poder criar as condições em que melhor possa ocorrer este desenvolvimento, porém considerando sempre que o ser humano jamais completa definitivamente este ciclo de desenvolvimento.

Piaget enumera *4 fatores* principais que *influenciam o desenvolvimento humano*, sendo estes:

- a) *Hereditariedade*: existem aspectos genéticos que influenciam o potencial de desenvolvimento do indivíduo, podendo existir limitantes ou potencialidades inerentes a esta carga genética.
- b) *Crescimento orgânico*: diz respeito ao crescimento físico do indivíduo. O aumento da estatura, a estabilização do esqueleto e o desenvolvimento das funções motoras permitem que a criança vá adquirindo um progressivo domínio de seu meio.
- c) *Maturação neurofisiológica*: o cérebro é o último órgão a se desenvolver totalmente, e desta maturação depende a possibilidade de desenvolver padrões de comportamento mais complexos, como a linguagem e o raciocínio.
- d) *Meio*: o conjunto das variáveis contidas no ambiente se constitui como um elemento que influencia poderosamente o desenvolvimento do indivíduo, facilitando a aquisição de alguns padrões de comportamento e dificultando outros.

Analisando estes fatores pode-se perceber que há uma grande gama de fatores que intervêm no desenvolvimento humano, por isso é correto afirmar que não há como dois indivíduos se desenvolverem exatamente da mesma forma.

Piaget desenvolve a teoria do *Construtivismo*, uma teoria sobre a origem do conhecimento que considera que a criança passa por estágios para adquirir e construir o conhecimento, tendo como objeto de estudo da alfabetização a língua escrita.

Piaget considera *quatro fatores* como essenciais para o desenvolvimento cognitivo da criança:

- a) *Biológico*: relacionado ao crescimento orgânico e à maturação do sistema nervoso.
- b) *De experiências e de exercícios*: é obtido na ação da criança sobre os objetos.
- c) *De interações sociais*: se desenvolve por meio da linguagem e da educação.
- d) *De equilíbrio das ações*: relacionado à adaptação ao meio e/ou às situações.

Vem de Piaget a ideia de que o aprendizado é construído pelo aluno e é sua teoria que inaugura a corrente construtivista.

Educar, para Piaget, é provocar a atividade, isto é, estimular a procura do conhecimento. O professor não deve pensar no que a criança é, mas no que ela pode se tornar.

Outro autor de destaque no estudo do desenvolvimento humano foi *Lev Vygotski*⁶⁴. A sua teoria aponta que a criança nasce com funções psicológicas elementares e que com o aprendizado da cultura e as experiências adquiridas, essas funções tornam-se funções psicológicas superiores, que são o comportamento consciente, a ação proposital, capacidade de planejamento e pensamento abstrato.

Tendo como base filosófica o *materialismo dialético*⁶⁵, Vygotski defende o pressuposto de que as funções superiores do comportamento humano consciente (pensamento, memória, atenção voluntária) são desenvolvidas em grande parte em função das relações sociais estabelecidas.

⁶⁴ Lev Vygotski (1896-1934) foi um Psicólogo bielo-russo proponente da psicologia cultural-histórica. Pensador importante em sua área e época, foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

⁶⁵ O materialismo dialético é um conceito desenvolvido pelos sociólogos e filósofos Karl Marx e Friedrich Engels. A partir dele, é possível desenvolver análises acerca das relações estabelecidas entre grupos de indivíduos e suas conexões com os processos de mudanças sociais.

Desta forma, o meio determina o homem e o homem modifica o meio, num permanente processo dialético.

Num momento histórico em que questões básicas da educação, como a inclusão de crianças com deficiências nas salas de aula do ensino, garantindo o acesso à educação a todos, sem nenhuma forma de discriminação, já que de acordo com as principais teorias da aprendizagem aqui apresentadas, todo ser humano é capaz de aprender, desde que as condições ambientais contribuam para isso.

CONSIDERAÇÕES

Como foi visto, não existe uma Psicologia, mas sim diversas Psicologias, ou seja, diversas formas de compreender o fenômeno da vida humana, da sociedade, das relações, do desenvolvimento de cada indivíduo, e cada uma delas complementa dialeticamente a visão desta complexidade.

Não se trata, então, de escolher a teoria mais adequada, mais científica ou mais irrefutável, mas sim observar que nenhuma teoria é capaz de exprimir totalmente toda a magnitude da vivência humana. Por isso, nesta multiplicidade de olhares, chega-se mais perto da imensidão do ser.

*“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar
uma alma humana, seja apenas outra alma humana”*

Carl Gustav Jung

REFERÊNCIAS

- BECK, J. S. *Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- BIAGGIO, Angela M. Brasil. *Psicologia do Desenvolvimento*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CASTAÑON, G. A. *Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico*. *Memorandum*, n. 12, p. 105-124, 2007.
- DA MOTA, Márcia Elia. *Psicologia do Desenvolvimento: uma perspectiva histórica*. *Temas em Psicologia*. v. 13, n. 2, p. 105-111, 2005.
- DE SÁ, R. N.; BARRETO, C. L. B. T. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudos de Psicologia*, Campinas, n. 28, v. 3, p. 389-394, 2011.
- EWALD, Ariane P. Fenomenologia e existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 149-165, ago. 2008.
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Harbra, 2002.
- GOMES, W. B.; HOLANDA, A. F.; GAUER, G. Primórdios da Psicologia Humanista no Brasil. In: MASSIMI, Marina. (Org.). *História da Psicologia no Brasil do Século XX*. São Paulo: EPU, 2004, p. 87-103.
- GOMES, W. B.; HOLANDA, A. F.; GAUER, G. História das Abordagens Humanistas em Psicologia no Brasil. In: MASSIMI, Marina. (Org.). *História da Psicologia no Brasil do Século XX*. São Paulo: EPU, 2004, p. 105-129.
- JONQUERA, A. S.; ARROYO, L. M. Fenomenología y psicoterapia humanista-existencial. *Revista de Psicología de la Universidad de Chile*. n. 1, v. 15, p. 89-104, 2006.
- KNAPP, P. (Org.) *Terapia Cognitivo-Comportamental na Prática Psiquiátrica*. Porto Alegre: Artmed, 2004
- LESSA, J. M.; DE SÁ, R. N. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. *Análise Psicológica*, n. 3, v. 24, p.393-397, 2006.

PADESKY, C. A.; GREENBERGER, D. *A mente vencendo o humor: guia de terapia cognitivo-comportamental para o terapeuta*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

PERLS, F. *Escarafunchando Fritz: Dentro e Fora da Lata de Lixo*. São Paulo: Summus, 1979.

RANGÉ, B. P. (Org.) *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROEHE, Marcelo Vial. *Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia*. *Estudos de Psicologia*, n. 11, v. 2, p. 153-158, 2006.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Dialogando com o Existencialismo*. *Psicologia Brasil*, n. 3, p. 19-26, 2005.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e comportamento humano*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Contingencies of reinforcement*. New York, NY: Appleton-Century Crofts, 1969.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

WRIGHT, J. H. et al. *Aprendendo a terapia cognitivo-comportamental: um guia ilustrado*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

UNIDADE 04 – AS NOVAS APLICAÇÕES DA PSICOLOGIA

Pablo Kurlander

Maria Isabel Rossini Tridapali

Nelcy Lima Colares

04

Objetivo da Unidade: conhecer como a Psicologia foi se desenvolvendo e adquirindo aplicabilidade em diversas áreas, para além da clínica e da pesquisa, principalmente sua forte atuação nas questões sociais e na luta pela garantia dos Direitos Humanos.

Conteúdo da Unidade:

- 1) Psicologia Social
- 2) Psicologia Organizacional
- 3) Psicologia Jurídica
- 4) Saúde mental e normalidade
- 5) Psicologia e Direitos Humanos

4.1 PSICOLOGIA SOCIAL

Embora a Psicologia tenha surgido inicialmente como produto do estudo do indivíduo, seu comportamento, seu desenvolvimento e suas patologias, logo depois evoluiu para o estudo da interação humana como fenômeno passível de ser observado cientificamente.

A psicologia social é a *ciência do “entre”*. Isso significa dizer que o lugar privilegiado do inquérito psicossocial não é nem o indivíduo nem a sociedade, mais precisamente aquela zona nebulosa e híbrida que comporta as relações entre os dois.⁶⁶

⁶⁶ JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia Social, saber, comunidade e cultura. *Psicologia & Sociedade*, v. 16, n. 2, maio/ago, p. 212004.

Desta forma, a Psicologia Social tem como foco o estudo destas interações sociais e, desta forma, além das interações sociais básicas, como família, amizade e relacionamentos afetivos, estuda e aborda as questões referentes à organização política, religiosa, trabalhista, jurídica, etc., das relações humanas.

No Brasil a Psicologia se consolidou como profissão em 1962, pouco antes do Golpe Militar, o que fez com que durante as primeiras décadas de existência, fosse uma profissão focada em aspectos mais individuais, já que a crítica social era algo difícil de ser exprimido nesse período.

Foi somente com o final da ditadura que a Psicologia pode emergir como instrumento de crítica e transformação social. Prova disto é a criação da *Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO*⁶⁷, em 1980, já no período de enfraquecimento do regime.

A partir deste momento a *Psicologia Social* passa a fazer parte do processo de transformações sociais e políticas importantíssimas, como o movimento pelas eleições diretas (1983/4), a Constituição de 1988, o movimento de *impeachment* dos anos 90.

Ao mesmo tempo foi ganhando grande inserção da *Saúde Coletiva*, tendo importantíssimo papel na *Reforma Sanitária*, as Conferências de Saúde e a criação e implantação do *Sistema Único de Saúde – SUS* (1990). A Psicologia Social e suas vertentes tiveram ampla atuação no campo dos Direitos Humanos, como se verá mais adiante.⁶⁸

A especificidade da Psicologia Social é teorizar espaços de mediação que residem na contradição e coexistência de opostos. A Psicologia Social se fizer a devida justiça ao seu objeto de estudo pode dar uma contribuição incisiva aos debates mais amplos sobre representação, identidades, discursos e linguagem, estudando como estas categorias se relacionam e ao mesmo tempo constituem a vida e o contexto cotidiano de comunidades humanas.⁶⁹

⁶⁷ Para mais informações, acesse: <https://www.abrapso.org.br>

⁶⁸ Ver Unidade 4, Seção 5.

⁶⁹ JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia Social, saber, comunidade e cultura. *Psicologia & Sociedade*, v. 16, n. 2, maio/ago, p. 21, 2004.

Conceitos importantes

No que diz respeito à conceituação teórica da Psicologia Social, cabe ressaltar alguns conceitos importantes para a compreensão do lugar desde onde enxerga o Psicólogo Social, sendo estes:

- a) Percepção social.
- b) Comunicação.
- c) Atitude / Mudança de atitude.
- d) Processo de socialização.
- e) Grupos sociais.
- f) Papeis sociais.

Percepção social

O encontro social supõe uma percepção do outro, de suas características, do que representa para nós e para o grupo. Desta forma, com o encontro temos uma *impressão* do outro, por meio da qual atribuímos valor e categorizamos o outro como pertencente a grupos determinados.

Comunicação

A complexidade da comunicação humana é uma das características que mais nos diferencia dos demais animais, mesmo os mais desenvolvidos. Esta comunicação é a que nos permite criar uma *impressão* no outro, pertencer a um grupo, socializar, etc. é importante destacar que a comunicação social não é apenas a codificada verbalmente, mas existe toda uma gama e comunicação *não verbal*, composta por gestos, movimentos, tom de voz, etc.

Atitude / Mudança de atitude

É a partir da percepção do meio e do outro que o indivíduo organiza as informações do ambiente, associando-as ao estado afetivo e à aprendizagem pregressa, o que vai criando uma predisposição a agir de uma forma ou de outra em determinadas situações.

Para a Psicologia Social o indivíduo não *toma atitudes*, ele *desenvolve atitudes*, já que estas ações (comportamentos) não dependem de uma simples escolha situacional, mas sim de todo o processo de aprendizagem social anterior.

Desta forma, a *mudança de atitude* acontece não quando o indivíduo assim o deseja, ou quando o ambiente o exige, mas somente quando acontece um novo processo de aprendizagem social, com o consequente aumento do repertório comportamental.

Processo de socialização

A socialização é, talvez, um dos processos mais difíceis na sociedade do século XXI. A inserção em grupos sociais, o sentimento de pertença e aceitação social/grupal, é uma das necessidades inerentes ao ser humano, como mostrou *Abraham Maslow* em sua teoria da motivação humana.⁷⁰

Essencialmente a socialização é o processo primário humano de incorporação de crenças, valores e significados, que fazem com que o indivíduo passe a pertencer ao corpo social. Mais tarde, ele deverá desenvolver novos repertórios para inserir-se nos diferentes *grupos sociais* com e nos quais venha a se relacionar.

Grupos sociais

Os grupos sociais são organizações de indivíduos, maiores ou menores, que possuem objetivos, crenças e características comuns e desenvolvem ações neste sentido. Para garantir o funcionamento e a coesão do grupo, são criadas normas de funcionamento, assim como as consequências para quem as quebre, o que define mais ou menos claramente as formas de ingresso ao grupo, os critérios de permanência assim como também os de exclusão.

Papeis sociais

Dentro do corpo social cada indivíduo desempenha um ou mais *papeis sociais*, de acordo com a sua *posição social* (médico, professor, filho, mãe, etc.), e as *expectativas de comportamento* definidas para essa posição. Parte

⁷⁰ Ver Unidade 3, Seção 4.

do nível de socialização e aceitação no grupo social vem da capacidade do indivíduo de comportar-se de acordo com a expectativa criada para seu papel social.

4.2 PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

O surgimento da *Psicologia Organizacional e do Trabalho* (POT), nomenclatura utilizada por muitos autores, está associado à crescente industrialização dos principais países do cenário ocidental, no fim do século XIX e início do século XX.

Tal segmento define-se como campo de aplicação que une os conhecimentos advindos da ciência psicológica, bem como as questões relacionadas ao trabalho humano e à administração de empresas.

Pode-se dizer que o foco de interesse da POT está relacionado à saúde do trabalhador, sua motivação e satisfação em relação ao trabalho e também aos benefícios para a respectiva organização (empresa), como por exemplo: a escolha assertiva para o preenchimento de uma vaga, o treinamento adequado para que haja melhor desempenho com menor ônus, entre outros.

Cabe mencionar que a prática da POT inicialmente foi observada nas universidades, principalmente nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Nestes surgiram experiências relacionadas aos **testes psicométricos**⁷¹ para o fim de seleção de profissional.

Sabe-se que na década de 30, a preocupação com produtividade era a principal essência de uma empresa. Para ilustrar tal época vale lembrar do filme de Charles Chaplin (*Tempos Modernos*, clássico de 1936), em que o cineasta imprimi uma crítica social propondo a humanidade a pensar na automação do trabalhador no exercício de suas atribuições laborais. Ainda nesse mesmo período, já eram notórios os problemas desencadeados devido à sobrecarga de tarefas, como: a exaustão de funcionários, os problemas de saúde e afastamentos e; à falta de motivação pelo trabalho.

⁷¹ Testes psicométricos são instrumentos padronizados por pesquisas científicas com a finalidade de mensuração de determinados dados e construtos, como por exemplo: inteligência, atenção, memória, ansiedade, depressão, etc. São testes padronizados e autorizados pelo Conselho Federal de Psicologia.

Após o fim da segunda guerra mundial e mais adiante com o surgimento da Psicologia como profissão no Brasil (1962), as relações humanas tornaram-se o foco de estudo nas empresas. A importância agora estava atrelada às relações grupais dos colaboradores, à sensação de pertencimento do funcionário à empresa (aí cabe citar Maslow e as necessidades básicas do ser humano no seu processo de desenvolvimento social), ao conhecimento que o funcionário possuía ou, que poderia vir a obter enquanto membro daquela empresa (gestão por competência) entre outras perspectivas que ganharam força e foram modelando o setor de Recursos Humanos.

Os fenômenos organizacionais são considerados como processos psicossociais, que estruturam a vida dos indivíduos e o funcionamento da sociedade e o trabalho é concebido enquanto elemento transformador não apenas da matéria, mas também da vida psíquica, social, cultural, política e econômica do sujeito e de seu entorno.

Contudo, um dos principais desafios na área de Psicologia Organizacional e do Trabalho estar relacionado à interação entre os variados aspectos que permeiam a vida das pessoas, grupos e organizações em um mundo em constante transformação.

Com mercado altamente competitivo e, atualmente, com o setor de comunicação crescendo vertiginosamente, o foco da POT consiste em evitar que as pessoas tenham que se adaptar a condições que ultrapassem seus próprios limites, como aprender habilidades em prazos mais curtos do que o necessário ou mesmo alterar aspectos de sua identidade. Para tanto, faz-se necessária interface com outras áreas do conhecimento, tais como sociologia, antropologia, ciências políticas, educação, economia, fisioterapia, entre outras.

Com tecnologia crescente e remodelação setorial, as empresas passaram a subdividir o setor destinado ao quadro de funcionários, antigamente denominado Departamento Pessoal, criando então o setor de Recursos Humanos (RH), responsável por: recrutamento, seleção, desenvolvimento e treinamento, liderança, comunicação, clima organizacional, motivação, entre outras.

Na década de 1990, com Idalberto Chiavenato, consultor e autor brasileiro de diversos livros no segmento de Recursos Humanos, surgiu o conceito de “*capital humano*”, no qual afirma que a vantagem competitiva das empresas sempre será o funcionário que lá trabalha, considerando sua

importância e valorização no meio organizacional. Este autor propôs nova nomenclatura ao empregado, nominando-o como colaborador e considerando-o como um todo, isto é, indivíduo que opera em seu trabalho executando a sua função, mas, sobretudo, utiliza o saber, o intelecto e a experiência de vida.

Vale lembrar que essa visão de Chiavenato surgiu numa época em que existiam poucos direitos destinados ao empregado, haja vista a ausência de leis que regulamentavam as profissões e, por conseguinte, o que condizia com normas relacionadas à saúde e segurança do trabalhador.

Daniel Goleman, por sua vez, psicólogo, autor do livro *Inteligência Emocional*, ganhou a atenção do mundo corporativo com sua obra, pois propôs o controle das emoções vinculado à mudança comportamental e ao sucesso profissional. Fator este que vai ao encontro de gestores visionários que vislumbram a prosperidade no mercado financeiro com vistas à valorização do colaborador.

Para *Peter Drucker*, considerado pai da administração moderna, toda e qualquer organização deve ser vista como um organismo vivo, isso pois acreditava que todos os setores de uma empresa se interrelacionam. Drucker afirmou que o relacionamento interpessoal impacta diretamente na qualidade e produtividade de uma empresa, considerando, por assim dizer, a importância do trabalhador e suas perspectivas e expectativas na empresa como fatores essenciais ao negócio.

É evidente que a Psicologia Organizacional passou por mudanças significativas ao longo da história, do seu início aos momentos atuais muitos desafios se fizeram presentes. Todavia, ainda há muito a se construir e contribuir nesse segmento, uma vez que novos cargos estão surgindo, já que vivemos a era da informalidade e do mundo virtual.

4.3 PSICOLOGIA JURÍDICA NO BRASIL: CAMPOS E INSERÇÕES

Marcos legais e reconhecimento como campo

A Psicologia jurídica se torna disciplina e área legalmente reconhecida da prática, estudo e pesquisa no Brasil, e campo de atuação do Psicólogo a

partir de 1960, com a *Lei N° 4.119, de 27 de agosto de 1962*⁷², que regulamenta o curso de Psicologia e a profissão de Psicólogo.

Antes disso, eram reconhecidos como Psicólogos, aqueles que tinham feito outros cursos de nível superior e que posteriormente fizeram cursos de especialização em áreas específicas da Psicologia.

Com o advento da supracitada lei, dispondo sobre os critérios para os cursos de formação em Psicologia, as exigências mudaram. Entretanto, alguns profissionais que atuavam dentro de áreas da Psicologia, cumpridos alguns parâmetros e condições, receberam o reconhecimento e prerrogativas legais para o exercício da profissão.

Também foi assegurado aos alunos matriculados naqueles cursos referidos no Art. 19, que requeressem em determinado prazo, os mesmos direitos.

Dentro deste contexto, a Psicologia passa a ter suas áreas específicas de atuação e estudo mais bem definidas, entre elas, a *Psicologia Jurídica*, onde estão contidas, as Psicologias forense e criminal, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) aprovada pela *Portaria n° 397, de 09 de outubro de 2002* do Ministério do Trabalho e Emprego⁷³.

Na ampla gama de competências da Psicologia Jurídica, percorridas no subitem 0-74.50 da referida CBO, apresentam-se as formas, instrumentos e meios de atuação sendo citados, sem que estejam exauridas ali, menos ainda, se entende que a pretensão da CBO seja a de uma uniformização, de referência, mas não absoluta, de caráter administrativo, por portaria ministerial, e não de regulamentação da profissão, necessariamente feita por Lei Federal, cumprido todo o trâmite do processo legislativo, aprovada na Câmara dos Deputados, Senado Federal e posteriormente sancionada pelo Presidente da República.

Psicologia Jurídica, Forense ou Judicial?

Embora uma parte dos autores sobre o tema identifique estas três áreas como sendo apenas uma, Garzón⁷⁴ ressalta a importância de se considerar

⁷² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14119.htm. Acesso em: 09/12/2021

⁷³ Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/legislacao.jsf>. Acesso em 09/10/2021

⁷⁴ GARZON, A. *Psicologia y Justicia*. Valencia: Promolibro, 1990.

historicamente, a diferença entre a Psicologia Judicial, Legal ou Forense e a Psicologia Jurídica.

Enquanto a Psicologia Judicial teve seu início com a Psicologia Criminal, para aplicar o conhecimento e processos da psicológica as práticas e fazeres dos juristas, a Psicologia Jurídica tem como objeto os fundamentos psicológicos do direito e da justiça.

Para Trindade⁷⁵, embora tenham origens historicamente distintas, são inseparáveis, não havendo mais razão para manter na prática as distinções de termos.

O Psicólogo e sua atuação no sistema de justiça brasileiro

De maneira crescente, com frequência cada vez maior, o Psicólogo e seu trabalho estão sendo demandados não somente nos fóruns (Psicologia Forense) e na área criminal (Psicologia Criminal), que são dois dos nichos mais específicos que compõem, entre outros, a Psicologia Jurídica.

Os trabalhos e saberes da Psicologia são requisitados por Promotores de Justiça, Magistrados, Defensores Públicos e Advogados⁷⁶ para atuar na fase processual, e na fase pré-processual, além desses atores, também pelas polícias judiciárias.⁷⁷

Os documentos que o Psicólogo produz, através dos recursos técnicos, métodos e instrumentos, ajudam a dar robustez a um trabalho de investigação, de produção de provas, seja de forma isolada ou somando-se as informações e dados obtidos por outras áreas, em um conjunto que será usado pelos seus requisitantes para formar convencimentos.

⁷⁵ TRINDADE, Jorge. *Manual de Psicologia jurídica para Operadores do Direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado. 2007.

⁷⁶ Dentro de um processo em qualquer área do direito, qualquer das partes pode solicitar ou requerer a participação de especialistas das áreas pertinentes para produzir e trazer elementos de prova e convencimento para serem juntadas ao processo.

⁷⁷ As polícias judiciárias têm, além dos seus próprios especialistas, acesso e atuação precipuamente conjuntas com as polícias científicas, institutos médicos legais e outras similares que fazem parte do Poder Executivo. Estes têm, assim como os especialistas do Poder Judiciário competência natural, de serem os peritos naturais dentro da área de suas áreas.

O Psicólogo especialista, tendo sido indicado e nomeado pelo Juiz é, naquele processo, o *Perito Judicial*, podendo ser profissional competente autônomo ou servidor público de órgãos diversos. Sempre que possível o perito deverá ser do quadro dos tribunais ou de órgãos do Poder Executivo da área de segurança pública, polícias judiciárias, podendo ser de outros. Os especialistas trazidos pelas partes (defesa ou acusação) são “assistentes técnicos”. Na justiça criminal e na execução penal, o Psicólogo pode atuar em todas as varas, cabendo destacar algumas como: as execuções das penas alternativas, nos locais de cumprimento das penas de *Prestação de Serviços à Comunidade* (PSC)⁷⁸, nas varas de crimes contra a criança, varas de crimes contra a mulher, nos presídios e nas penas em meio aberto.

Na área cível existem as varas da infância e juventude (desde a proteção até a execução de medidas socioeducativas) e as varas de família, sendo que nestas varas cíveis tramitam processos nos quais pode ser necessária a avaliação da existência ou não de danos psicológicos ou psicossomáticos a uma das partes, curatelas e tutelas entre outras.

Na área da justiça trabalhista, com importante participação pra questões que envolvam, por exemplo, assédio e danos psicológicos. A estas áreas, se une, ainda dentro do sistema de justiça, o Psicólogo na Gestão de Pessoas, no atendimento de saúde aos servidores, no processo de humanização.

Considerações

A Psicologia é uma disciplina e ciência jovem comparada com o Direito, entretanto ambas tratam do comportamento humano. A primeira buscando o conhecimento da compreensão do comportamento humano, a segunda, regras e meios de regular, quiçá controlar, tal comportamento através de regras.

A Psicologia jurídica não cabe mais somente nas classificações de uma Psicologia *do* direito, *para* o direito ou *no* direito. Mas se amplia ao que Mira y Lopez diz que deve ser “a Psicologia melhor aplicada ao exercício do Direito”.⁷⁹

⁷⁸ A Prestação de Serviços à Comunidade é uma modalidade de pena alternativa que pode ser sentenciada originalmente ou receber a conversão, aplicada em crimes de menor gravidade, em substituição a pena de privação de liberdade.

⁷⁹ MIRA Y LOPES, E. *Manual de psicologia jurídica*. São Paulo. Mestre Jou, 1967.

A Psicologia Jurídica, sem deixar de considerar suas vulnerabilidades, é muito maior que um instrumental a serviço de outra ciência, é um campo de ciência, pesquisa atuação que se estende além das questões judicializadas, até as destituídas de incidências normativas passando pela análise das relações sociais.

Como disciplina ainda emergente, em construção, já prova sua importância não apenas com o Direito, mas como saber e *práxis* essenciais à Justiça, compartilhando com outros campos a construção do bem-estar do ser humano.

4.4 SAÚDE MENTAL E NORMALIDADE

Breve história da loucura

Desde a Antiguidade a sociedade teve uma séria dificuldade em lidar com os membros que se diferenciavam por algum desvio de conduta provocado pelo mau funcionamento da sua ‘mente’, ou pela perda da razão, por assim dizer. A atitude normalmente tomada era o isolamento do membro diferente.

Analisando a origem das palavras e termos utilizados ao respeito, pode-se concluir que muito do que se acredita sobre a loucura não é exato. Primeiramente não se conhece com certeza a origem da palavra *loucura*, podendo ser atribuída a um sem fim de combinações possíveis. Já a palavra *idiota*, atualmente sinônimo de louco, provém do grego *idiotes*; a raiz *idio* significa *próprio*, e a palavra era utilizada para designar àqueles que em vez de se ocupar dos assuntos públicos se ocupavam dos interesses pessoais.⁸⁰

Desta forma surge o primeiro dos questionamentos no referente a saúde mental:

- a) Qual é realmente o parâmetro de normalidade?
- b) Quem são os normais e quem não?

Neste ponto encontramos o mais significativo efeito bio-psico-social da loucura: a segregação. Carreiro reafirma este conceito abordando o

⁸⁰ Deve-se lembrar, neste ponto, que os gregos colocavam os interesses da *polis* em primeiro lugar, deixando os interesses individuais de lado. Esta era a base da democracia na época.

assunto desde o ponto de vista social, dizendo que “o transtorno mental é historicamente marcado pelo estigma social. O portador de transtorno mental é remetido ao papel de bode expiatório, sofrendo exclusão em função da negação que a comunidade faz de sua própria loucura. Em razão disso, a loucura é inteiramente depositada nele para que, por oposição, a comunidade possa se considerar sadia”.⁸¹

Na Antiguidade já se tem registro de locais específicos para este tipo de problema social, sendo sempre a opção de intervenção predominante o isolamento. O primeiro hospício do qual se tem notícia pertence à cultura árabe, e data do século VII.

A palavra *hospizio* vem do latim *hospes* que significa hóspede, embora o tipo de hospitalidade oferecida por estes lugares era, no mínimo, duvidosa.

No início da Idade Média já existiam diversos locais reservados para este fim, como relata Noah Gordon em seu livro *El médico* (1993). Ele mostra como os considerados loucos eram detidos e encerrados em áreas abertas e cercadas, das quais lhes era impossível sair. Geralmente se misturavam a eles os mendigos e alguns ladrões menores. Nesses locais eram abandonados à própria sorte, não lhes fornecendo comida ou água suficiente, ficando num estado deplorável até a morte, geralmente rápida.

No século XVII os hospícios proliferam e abrigam juntamente os doentes mentais com marginalizados de outras espécies. O tratamento que essas pessoas recebiam nas instituições costumava ser desumano, sendo considerado pior do que o recebido nas prisões.

A palavra *manicômio*, utilizada desde o século XVII aproximadamente, tem sua origem no grego *mania* (loucura) e *komion* (lugar), assim significando: lugar para loucos. Esta referência confirma o caráter segregatório do mesmo.

No final do século XVIII e início do século XIX, *Philippe Pinel*⁸² começa a libertar os pacientes dos manicômios das correntes, comumente

⁸¹ CARREIRO, L. F. et al. De portas abertas: uma experiência de atendimento em saúde mental. *InterPsic*, dez. 2005. Disponível em: <http://www.interpsic.com.br/saladeleitura/textos/portasabertas-index.html>.

⁸² Philippe Pinel (1745-1826) foi médico diretor dos hospitais de Bicêtre e da Salpêtrière. Neste último Sigmund Freud visitaria a Charcot em 1885, que utilizava técnicas pioneiras no tratamento da histeria através da hipnose.

utilizadas, propiciando-lhes um maior grau de liberdade que era, por ela mesma, terapêutica.

O grande problema destas instituições era que até o final do século XIX a doença mental era compreendida apenas como um fenômeno orgânico, como uma alteração biológica inesperada. Com o surgimento e disseminação destas instituições nasce a psiquiatria como especialidade médica, e a loucura é tomada como uma doença mental passível de tratamento, embora muito precário.

Como pode ser visto, o tratamento de pessoas com doenças mentais sempre foi uma realidade muito associada à luta pela garantia dos Direitos Humanos, como se verá na próxima seção.

Saúde mental hoje

Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS⁸³, os transtornos mentais atingem cerca de *700 milhões de pessoas no mundo*, representando 13% do total de todas as doenças, sendo que este número tem aumentado muito consideravelmente durante o período da pandemia de COVID-19.⁸⁴

O mesmo relatório apontou o *Brasil* como o país com a maior prevalência de transtornos de *ansiedade* nas Américas: o problema afetava *9,3% da população*, o equivalente a *18,6 milhões* de pessoas.

Em relação à *depressão*, Brasil foi o 2º, com *5,8% da população*, atrás somente dos Estados Unidos, com 5,9%.

Estes dados, além de assustadores, impelem a uma reflexão óbvia: *quem é normal?*

Embora tenha se avançado muito na história da humanidade, os maus tratos e violações de direitos tenham diminuído consideravelmente, e mobilizações sociais em prol das pessoas com transtornos mentais tenham

⁸³ WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. World Health Statistics 2017. Genebra: WHO, 2017.

⁸⁴ Segundo pesquisa encomendada pelo Fórum Econômico Mundial, 53% dos brasileiros declararam que seu bem-estar mental piorou um pouco ou muito no último ano. Essa porcentagem só é maior em quatro países: Itália (54%), Hungria (56%), Chile (56%) e Turquia (61%).

sido cada vez mais significativas, como a campanha “Janeiro Branco”⁸⁵, o estigma social permanece.

Talvez mais velado e menos fisicamente violento, o estigma remanescente ainda organiza as pessoas em “normais” ou “patológicas” (anormais), mesmo os critérios de normalidade sendo tão difusos, e mesmo tantas e tantas pessoas podendo se identificar como estando do outro lado da fronteira da normalidade.

A *medicalização*⁸⁶ da vida, juntamente com a hegemonia da indústria farmacêutica, vem colocando em xeque os limites éticos do diagnóstico psiquiátrico e do uso arbitrário de medicação psiquiátrica, como forma de embotar vivências que podem ser, em definitiva, absolutamente “normais”.

O momento histórico exige reflexão. A inundação de modelos de normalidade advindos das redes sociais tem feito as pessoas sentirem-se mais desajustadas e menos felizes, mesmo quando seus perfis mostram o contrário. A busca frenética por uma suposta felicidade, que mais se assemelha a uma sorte de Santo Graal, tem ficado cada vez mais em evidência.

Talvez os mais conscientes ainda possam disser, junto com o Coringa: *“A pior parte de ter uma doença mental é que as pessoas esperam que você se comporte como se não tivesse”*.⁸⁷

4.5 PSICOLOGIA E DIREITOS HUMANOS

Direitos humanos são aqueles comuns a todos, a partir da matriz de direito à vida, sem distinção alguma decorrente de origem geográfica, caracteres do fenótipo (cor da pele, traços do rosto e cabelo), da etnia, nacionalidade, sexo, faixa etária, presença de incapacidade física ou mental, nível socioeconômico ou classe social, nível de instrução, religião, opinião política, orientação sexual ou de qualquer tipo de julgamento moral. São

⁸⁵ O “Janeiro Branco” é uma campanha brasileira iniciada em 2014 que busca chamar a atenção para o tema da saúde mental na vida das pessoas. O mês de janeiro foi escolhido porque é neste mês que as pessoas estão mais focadas em resoluções e metas para o ano.

⁸⁶ A medicalização é um fenômeno através do qual a vida cotidiana é apropriada pela medicina e interfere na construção de conceitos, costumes e comportamentos sociais

⁸⁷ Filme: O Coringa. Warner Bros. Pictures: 2019.

*aqueles que decorrem do reconhecimento da dignidade intrínseca de todo ser humano.*⁸⁸

Desde o próprio nascimento da psiquiatria, esta tem tentado se reformar constante e incansavelmente, talvez por compreender as suas limitações e contradições desde o seu momento primigênio. Sem dúvidas, com o surgimento e validação da Psicologia como ciência, esta reformulação dos conceitos e da forma em que se tratava o paciente, teve um grande salto em direção à garantia dos Direitos Humanos.

Teriam sido os próprios reformadores da Revolução Francesa que teriam delegado a *Pinel*⁸⁹ a tarefa de “humanizar e dar um sentido terapêutico aos hospitais gerais, onde os loucos encontravam-se recolhidos juntos com outros marginalizados da sociedade”.⁹⁰

A meados do século XX, após a 2ª Guerra Mundial, *Maxwell Jones*⁹¹ inicia o movimento definitivo de reforma da psiquiatria mundial, desenvolvendo o modelo de Comunidade Terapêutica psiquiátrica. Maxwell Jones visava uma maior interação do paciente no seu próprio processo, fazendo-se este assim partícipe das suas pequenas conquistas cotidianas.

Juntamente com Jones, muito relevante foi a antipsiquiatria de *Franco Basaglia*⁹², movimento que denunciava os valores tradicionais da psiquiatria, que tratava o louco como um ser alienado, à parte da sociedade, afirmando

⁸⁸ BENEVIDES, M.V. Direitos humanos: desafios para o século XXI. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. (Orgs.). *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p. 336.

⁸⁹ Influenciado pelas ideias do Iluminismo e da Revolução Francesa, Philippe Pinel (1745-1826) foi pioneiro no tratamento de doentes mentais e um dos precursores da psiquiatria moderna. Formado em medicina pela Universidade de Tolouse (França), dirigiu os hospitais de Bicêtre e Salpêtrière.

⁹⁰ TENORIO, Fernando. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 9(1), p. 26, jan-abr. 2002.

⁹¹ Maxwell Jones (1907-1990) foi um psiquiatra sul-africano, radicado no Reino Unido, considerado como criador do conceito de comunidade terapêutica.

⁹² Franco Basaglia (1924-1980) foi um psiquiatra italiano que promoveu uma importante reforma no sistema de saúde mental italiano, chamada de Reforma Psiquiátrica.

que “a psiquiatria sempre colocou o homem entre parênteses e se preocupou com a doença”.⁹³

Na década de 1980, após algumas visitas de Basaglia, chegaria ao Brasil este movimento, com o nome de *Movimento de Luta Antimanicomial*, que teria como principal marca distintiva o reclame da cidadania do doente mental, com todas as prerrogativas que esta supõe.

Desde seu início, as organizações de classe da Psicologia⁹⁴ participaram ativamente destes grupos, assim como de diversos outros grupos relacionados com os direitos humanos, desde aqueles fundamentais apregoados pelos princípios da Revolução Francesa, até os mais atuais, como questões raciais e de gênero, entre outras.

Em relação à Psicologia, cabe colocar que, esta foi regulamentada como categoria profissional em 1962, período histórico que precedeu no país a instalação do golpe militar, regime ditatorial que suprimiu a democracia. Não há como minimizar a relevância desta conjuntura sócio-política, considerando que um dos principais objetivos da Psicologia, na época, dizia respeito à adaptação e ajustamento do indivíduo.⁹⁵

A Psicologia, naquele período, andou de mãos dadas com a *Ditadura Civil-Militar Brasileira*, serviu, com algumas exceções, para rotular, patologizar os militantes políticos da época. É no final da Ditadura, nos anos 1980, que começa a surgir uma Psicologia questionadora que se vincula a alguns movimentos sociais, culminando no final dos anos 1990 com a criação da *Comissão de Direitos Humanos* pelo CFP.⁹⁶

Assim, a Psicologia foi se delineando como algo muito além da sua ação clínica inicial. Ao interferir diretamente nos sistemas de governo, se configura como uma força social que produz mudanças no funcionamento político, que busca a garantia daquilo que sabe que é essencial para o ser

⁹³ AMARANTE, Paulo (Org.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1995, p. 49.

⁹⁴ Conselho Federal de Psicologia (CFP), Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), Sindicato dos Psicólogos (SinPsi), entre outros.

⁹⁵ ROSATO, Cássia Maria. *Psicologia e Direitos Humanos: cursos e percursos comuns*. *Psic. Rev.*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 13, 2011.

⁹⁶ CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – CRPRS. Na sua prática psicológica: onde estão os direitos humanos? *Entre Linhas*. ano 18, n. 80, p. 8, 2018.

humano, começando pela liberdade e pela dignidade, já que sem estas não pode haver nem saúde mental nem cidadania.

CONSIDERAÇÕES

A Psicologia foi se reinventando e se adaptando ao longo da história para atender as demandas mais urgentes da sociedade, por compreender que não há saúde mental quando não há justiça social.

Por isso, dentre as diversas formas de Psicologia que foram se desenvolvendo, primou a busca pela qualidade de vida nos diversos locais em que o ser humano transita e se relaciona, desde o seu local de trabalho até a conjuntura política e jurídica à qual está submetido, indo muito além da vivência privada inerente a cada sujeito e a cada psiquismo.

*“O que são, então, nossas vivências?
São muito mais aquilo que nelas pomos do que o que nelas se acha!
Ou deveríamos até dizer que nelas não se acha nada?
Que viver é inventar?”*

Friedrich Nietzsche, *Aurora*, §119

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo (Org.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, 1995.
- BENEVIDES, M.V. Direitos humanos: desafios para o século XXI. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. (Orgs.). *Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p. 335-350.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BRASIL. *Lei N° 4.119, de 27 de agosto de 1962*. Acesso em: 10/08/2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14119.htm.
- BRASIL. *Portaria n° 397, de 09 de outubro de 2002 do Ministério do Trabalho e Emprego*. Acesso em: 10/08/2021. Disponível em: <http://www.mtebo.gov.br/cbosite/pages/legislacao.jsf>.
- CAPONI, S. et al. (Orgs.). *Medicalização da Vida: Ética, Saúde Pública e Indústria Farmacêutica*. 1. ed. Palhoça: Editora Unisul; 2010.
- CARREIRO, L. F. et al. De portas abertas: uma experiência de atendimento em saúde mental. *InterPsic*, dez. 2005. Disponível em: <http://www.interpsic.com.br/saladeleitura/textos/portasabertas-index.html>.
- CARVALHO, Maria. *Psicologia jurídica temas de aplicação*. Curitiba: Juruá, 2008.
- CARVALHO, Maria. *Psicologia jurídica temas de aplicação II*. Curitiba: Juruá, 2011.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de Pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.
- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – CRPRS. Na sua prática psicológica: onde estão os direitos humanos? *Entre Linhas*, ano 18, n 80, p. 6-11, 2018.
- COSTA-ROSA, A; LUIZIO, C. A.; YASUI, S. As Conferências Nacionais de Saúde Mental e as premissas do Modo Psicossocial. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 58, p. 12-25, mai-ago. 2001.

- DALBOSCO T.; DA ROSA, A. M.; PISONI, K. Z. B. *Evolução histórica da psicologia organizacional e do trabalho*. XV Mostra de Iniciação Científica e Extensão Comunitária e XIV Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação IMED, 2021. Disponível em: <https://soac.imed.edu.br/index.php/mic/ixmic/paper/viewFile/60/33>. Acesso em: 05/09/2021.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GARZON, Adela. *Psicología y justicia*. Valencia: Promolibro, 1990.
- GERGEN, Kenneth J. A psicologia social como história. *Psicol. Soc.*, v. 20, n. 3, p. 475-484, dez. 2008.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GONÇALVES, H.; BRANDÃO, E. (Orgs.). *Psicologia jurídica no Brasil*. Rio de Janeiro: Nau, 2011.
- GORDON, N. *El médico*. 25. ed. Barcelona: Ediciones B S.A., 1993.
- HUTZ, Cláudio. (Org.). *Avaliação psicológica no contexto forense*. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- JONES, Maxwell. *A Comunidade Terapêutica*. Petrópolis: Vozes, 1972. (Coleção Psicanálise, v. 3).
- JORGE, Marco Aurelio Soares. *Engenho dentro de casa: sobre a construção de um serviço de atenção diária em saúde mental*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia Social, saber, comunidade e cultura. *Psicol. Soc.*, v. 16, n. 2, p. 20-31, maio/ago, 2004.
- LÜCHMANN, L. H. H.; RODRIGUES, J. O movimento antimanicomial no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 12(2), p. 399-407, 2007.
- REALE, Miguel. *Lições preliminares de Direito*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- ROSATO, Cássia Maria. Psicologia e Direitos Humanos: cursos e percursos comuns. *Psic. Rev.*, São Paulo, v. 20, n.1, p. 11-27, 2011.
- SÁ, Alvino. *Criminologia clínica e Psicologia criminal*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.
- SARACENO, B.; ASIOLI, F.; TOGNONI, G. *Manual de Saúde Mental: guia básico para atenção primária*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SCARPARO, H. B. K.; GUARESCHI, N. M. F. Psicologia Social Comunitária e formação profissional. *Psicol. Soc.*, v. 19, n. 2, p. 100-108, 2007.

SENA E SILVA, M. F.; AQUINO, C. A. B. *Psicologia Social: Desdobramentos e aplicações*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004. (Coleção Ensaio Transversais, n. 24).

TENORIO, Fernando. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 9(1), p. 25-59, jan-abr. 2002.

TONETTO, A. M. et al. Psicologia Organizacional e do Trabalho no Brasil: desenvolvimento científico contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, n. 20, v. 2, p. 155-164, 2008.

TRINDADE, Jorge. *Manual de Psicologia jurídica para operadores do direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado. 2007.

TUPINAMBÁ, Antônio Caubi Ribeiro. A Psicologia Organizacional no Brasil: Sua Evolução e Situação Atual. *Rev. de Psicologia*, n. 5, v.2, p. 95-104, 1987.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *World Health Statistics 2017*. Genebra: WHO, 2017.

UNIDADE 05 – OS PRINCIPAIS PROCESSOS COGNITIVOS

Aline Porcel Lima Mazzoni

05

Objetivo da unidade: apresentar conceitualmente principais processos cognitivos, o seu processo de formação individual e social, as funções desenvolvidas por cada um deles e o seu impacto no desenvolvimento humano.

Conteúdo da unidade:

- 1) Sensação e Percepção
- 2) Emoção
- 3) Motivação
- 4) Aprendizagem
- 5) Inteligência

5.1 SENSACÃO E PERCEPÇÃO

A percepção é um processo que compreende inúmeros fenômenos psicológicos. A partir de conhecimentos prévios, nossa percepção reúne e interpreta estímulos registrados pelas sensações, ou seja, pelos órgãos do sentido. Por este motivo, nem mesmo os sistemas mais sofisticados de inteligência artificial são capazes de equiparar-se minimamente à capacidade perceptiva de um humano adulto.

A percepção visual consiste na modalidade mais amplamente reconhecida no campo das percepções. Esta modalidade perceptiva é de extrema importância e possui grande valor de sobrevivência para as espécies em geral. Por exemplo, ao calcular mal a distância de um carro ao atravessar a rua, um indivíduo pode sofrer uma consequência fatal. O mesmo ocorre com um animal que calcula mal a distância de seu predador. Além disso, a

percepção visual é responsável por situar um indivíduo no tempo e espaço e fazê-lo compreender muitas de suas sensações.

Diversos processos podem transformar e interpretar as informações sensoriais. Desta forma, uma mesma imagem pode ser interpretada de diferentes formas, o que sugere que, em alguns momentos, não se consegue perceber o que existe, ao passo em que, em outros momentos, percebem-se coisas que não existem.

As figuras abaixo ilustram esta questão:

Figura 4 – Exemplo de ilusão de ótica



As figuras geram a sensação de que há um triângulo negro invertido ao centro da figura à esquerda e um triângulo branco invertido ao centro da figura à direita. Contudo, após uma análise mais apurada, observa-se que os triângulos não estão, de fato, lá. As sensações referentes aos dois triângulos referem-se a uma ilusão de ótica, ou seja, a percepção da informação visual fisicamente não presente no estímulo visual.

O sistema perceptivo também lida com a constância de tamanho e da forma de objetos. A constância de tamanho relaciona-se à constância da percepção de tamanho, ainda que a sensação proximal se modifique. Por exemplo, ao observar uma pessoa ao longe, temos a sensação de que ela está “pequena” e à medida em que nos aproximamos e a distância entre ela e nossa retina diminui, ela torna-se cada vez “maior”. Todavia, nosso sistema perceptivo nota facilmente que o tamanho da pessoa não se modificou. Já a constância de forma relaciona-se à constância da percepção da forma, apesar da mudança da forma do estímulo proximal. Por exemplo, se um observador olhar para uma porta que se abre, verá que esta sofrerá alterações em sua orientação, embora continue com o mesmo formato.

Há também uma distinção perceptiva entre o reconhecimento de rostos e o reconhecimento de outros objetos. O cérebro humano utiliza processos diferentes para reconhecer rostos, diversos dos utilizados para reconhecer outros tipos de objetos. Pesquisas envolvendo dois tipos de estímulos⁹⁷, no caso, rostos e casas sugerem que as pessoas apresentam maior facilidade para reconhecer uma fisionomia inteira do que uma característica isolada de um rosto (como apenas um nariz ou apenas uma boca, por exemplo), o que não ocorre com um objeto, ou no caso da pesquisa em questão, uma casa. Tratando-se da casa, os participantes foram capazes de identificar detalhes isolados com exatidão. Assim, a forma que utilizamos para reconhecer a maior parte dos objetos é através da identificação dos detalhes componentes. Por sua vez, as fisionomias possuem um status especial, com reconhecimento em termos da forma e estrutura geral do rosto.

Concluiu-se que o processamento de rostos ocorre de forma diferente e privilegiada, com um fundamento holístico e gestáltico em seu reconhecimento, ou seja, a percepção da qualidade geral da fisionomia transcende seus elementos individuais.

Assim, como nossas percepções são moldadas por experiências anteriores captadas pelos órgãos do sentido, elas podem ser variáveis de indivíduo para indivíduo. Cada um aprende de forma diversa sobre o mundo, então, desde as formas de identificação de um objeto até a mais elaborada apreciação de arte, nossas percepções são moldáveis e acessadas por intermédio das experiências arquivadas em nossa memória.

Neste sentido, ao se analisar estímulos de ordem visual pode-se não perceber o que existe ou, ainda, perceber o que não existe, como ocorre através das ilusões de ótica.

O cérebro humano é capaz de manter a constância de tamanho e forma de objetos. Isto significa que mesmo que um objeto se distancie do observador ou sua forma altere a orientação, o cérebro ainda o identifica como apresentando o mesmo tamanho e formato, ainda que o tamanho e a forma se apresentem alterados no campo visual.

Por fim, há uma forma diferenciada e privilegiada no processamento da percepção de rostos, o que não ocorre com objetos. A forma utilizada para o processamento da identificação de objetos ocorre por intermédio de seus detalhes isolados. As fisionomias possuem status especial e são reconhecidas

⁹⁷ MATLIN, Margaret W. *Psicologia cognitiva*. São Paulo: LTC, 2004.

com mais propriedade quando analisadas em termos gerais, ao invés de quando detalhes isolados são analisados.

5.2 EMOÇÃO

As emoções são definidas como um conjunto de condições complexas e momentâneas que surgem em experiências de caráter afetivo, ocasionando alterações no funcionamento do indivíduo e preparando-o para a ação. Consistem em produtos da história evolutiva e pessoal e possuem papel de extrema importância.

*Darwin*⁹⁸ foi pioneiro no trabalho com as emoções, concluindo que muitas das expressões das emoções – especialmente as expressões faciais, tanto em seres humanos quanto em outros animais, são inatas. Como exemplo de expressões inatas é possível citar crianças que nascem cegas e manifestam expressões de alegria através de sorrisos ou de tristeza através do choro, da mesma maneira que pessoas que não apresentam qualquer problema de visão. Neste caso não há qualquer aprendizagem visual de expressão de emoções por parte destas crianças e, ainda assim, esses indivíduos as expressam da mesma forma que seus pais.

Embora as diferentes culturas sintam as emoções da mesma forma, os indivíduos nelas inseridos podem demonstrar estes sentimentos de modo diverso. Como exemplo da diferenciação da manifestação das emoções de acordo com a cultura, é possível citar uma pesquisa com participantes norte-americanos e japoneses⁹⁹, na qual vídeos com cenas indutoras de stress eram exibidas na presença de um examinador e individualmente. Observou-se que no caso dos participantes norte-americanos, os vídeos despertavam reações emocionais intensas tanto na presença do examinador como quando os participantes se encontravam sozinhos. O mesmo não se observou com os participantes japoneses, no qual a intensidade das emoções faciais se tornou muito menor na presença do examinador, uma vez que a cultura japonesa

⁹⁸ Charles Robert Darwin (1809-1882) foi um naturalista, geólogo e biólogo britânico, célebre por seus avanços sobre evolução nas ciências biológicas, principalmente pelo desenvolvimento da Teoria da evolução pela seleção natural das espécies.

⁹⁹ DE CARVALHO, Daniela. Emoção e cultura: as emoções dos japoneses em análise. *Intercultural*, v. 7, n. 2, p. 341-358, 2003.

nem sempre vê com bons olhos as demonstrações públicas de reações emocionais.

Outro aspecto interessante na avaliação da expressão das emoções é que em todas as culturas os sentimentos são externalizados da mesma forma, como por exemplo, a alegria através de sorrisos e a raiva através de expressões como o franzimento das sobrancelhas ou tensão dos lábios. Essa constatação foi feita em um estudo com uma população isolada da Nova Guiné¹⁰⁰, que mesmo sem qualquer contato com outras culturas, manifestou as expressões emocionais da mesma forma que o restante do mundo.

Após muitos estudos relacionados às emoções¹⁰¹, concluiu-se que existem 6 *emoções básicas* universais:

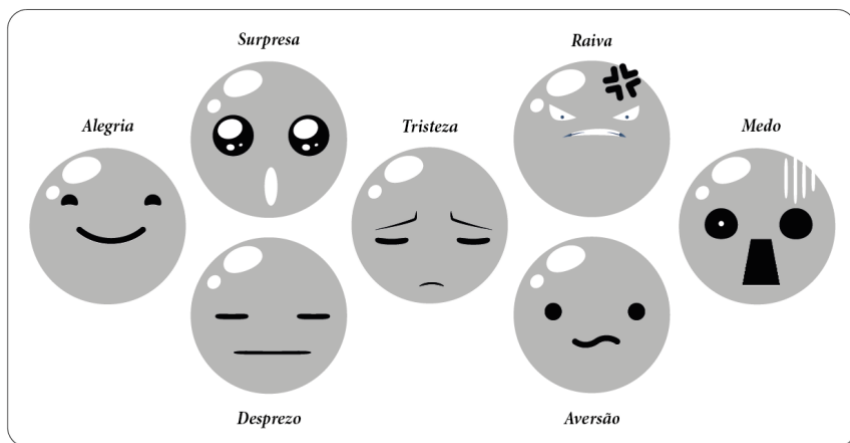
- a) Felicidade (ou alegria).
- b) Tristeza.
- c) Medo.
- d) Surpresa.
- e) Raiva.
- f) Nojo (ou aversão).

Mais tarde o *desprezo* foi incluído neste rol, totalizando 7 emoções básicas universais.

¹⁰⁰ DE CARVALHO, Daniela. Emoção e cultura: as emoções dos japoneses em análise. *Intercultural*, v. 7, n. 2, p. 341-358, 2003.

¹⁰¹ DE CARVALHO, Daniela. Emoção e cultura: as emoções dos japoneses em análise. *Intercultural*, v. 7, n. 2, p. 341-358, 2003.

Figura 1 – Rostos representando as 7 emoções básicas



As emoções possuem como função principal a autoproteção e a sobrevivência.

A *felicidade* (ou alegria) tem como função a conexão entre indivíduos e socialização, propiciando a construção de relacionamentos. Uma pessoa feliz está muito mais inclinada a se relacionar com os pares e desenvolver vínculos. Considerando que o ser humano é um animal social e que desde os primórdios sobrevive com o auxílio do grupo, torna-se inegável o valor de sobrevivência desta emoção.

A *tristeza* é uma emoção que sinaliza que algo está errado de acordo com a interpretação do organismo e deve ser cuidado dentro do contexto em que está inserido, garantindo também sua autoproteção.

A *raiva* induz o indivíduo a manifestar comportamentos violentos diante da interpretação de possíveis ameaças, de forma a se autopreservar.

O *medo* tem a função de manter o organismo vivo diante de possíveis ameaças, de forma que, se ele não puder lutar contra a ameaça, fugirá dela.

O *nojo* (ou *aversão*) tem como função proteger o indivíduo de qualquer estímulo que possa provocar uma contaminação ou intoxicação. É necessário ressaltar que essa contaminação pode ser tanto de ordem biológica como social. Por exemplo, é comum sentir nojo de uma comida estragada ou de um animal que possa transmitir doenças. Ao mesmo tempo, é possível

sentir nojo ou aversão de pessoas que possam trazer algum mal estar ao organismo ou ao grupo em que está inserido, gerando uma intoxicação social.

A função da *surpresa* é preparar o indivíduo para reconhecer novas informações e responder com mais agilidade diante delas, protegendo-se de possíveis perigos ou ameaças.

O *desprezo* traduz-se em uma convicção da inutilidade de alguém ou algo considerado inferior, de forma que o organismo não dispensa suas energias a este estímulo, economizando-a para situações úteis e que serão responsáveis por mantê-lo vivo.

Cabe ressaltar que há uma *distinção entre emoção e estado de humor*. As emoções humanas apresentam curta duração, ao passo que o humor pode durar dias ou semanas. Em uma situação envolvendo tristeza, é possível dizer que a emoção está presente nos primeiros minutos após o evento que a desencadeou. O humor deprimido que pode perdurar dias ou semanas após esse evento traduz-se em estado de humor.

As emoções são, portanto, fenômenos inatos e biológicos, com expressão universal. No entanto, não há universalidade nas situações que desencadeiam as emoções. Em um estudo com grupos culturais bastante diversos¹⁰², especificamente americanos, europeus e japoneses, observou-se que situações que produziam determinadas emoções em um grupo não produziam as mesmas emoções com a mesma frequência e intensidade em outro grupo. Por exemplo, a morte de alguém próximo produziria tristeza para 1/5 dos americanos e europeus, ao passo que para a população japonesa esta relação seria de 1/20.

5.3 MOTIVAÇÃO

A motivação é um conceito bastante controverso dentro da ciência psicológica. Diversos autores buscaram conceituar a motivação e o fizeram de forma muito distinta uns dos outros, e algumas vezes até contraditória. Para que se possa lidar melhor com tal constructo, é necessário refinar seu conceito, estabelecendo referenciais teóricos científicos e que possam ser falseados ou testados.

¹⁰² DE CARVALHO, Daniela. Emoção e cultura: as emoções dos japoneses em análise. *Intercultural*, v. 7, n. 2, p. 341-358, 2003.

Todorov e Moreira¹⁰³, após realizarem um estudo com diversos conceitos de motivação, concluíram que os conceitos motivacionais são utilizados com a finalidade principal de explicar as seguintes questões:

- a) Como determinados comportamentos ocorrem após determinadas alterações no ambiente.
- b) Como alterações no ambiente, em determinadas condições, são seguidas por determinados comportamentos e não por outros que seriam possíveis.
- c) Como determinados comportamentos ocorrem ciclicamente, mesmo sem quaisquer alterações no ambiente.
- d) Como certos comportamentos ocorrem mesmo na ausência de alterações do ambiente.
- e) Como certas alterações no ambiente passam a fazer parte de interações entre organismo e ambiente e outras não.

Embora não exista consenso sobre o conceito de motivação, algumas teorias tornaram-se famosas por tentar explicá-lo. Uma das principais é a teoria de *Abraham Maslow*¹⁰⁴, denominada teoria da motivação humana. Segundo a teoria, há uma hierarquia de necessidades que sustenta a motivação humana, iniciando-se pelos itens mais básicos para a sobrevivência do indivíduo. Apenas quando a necessidade mais básica é satisfeita, o sujeito sente-se motivado a buscar o que é oferecido nas próximas escalas. O alcance basal dos objetivos gera no indivíduo um sentimento de autorrealização, trazendo satisfação e impelindo-o a buscar a concretização de novas necessidades e potencialidades, de forma hierárquica.

A teoria *ERC* de *Clayton Paul Alderfer*¹⁰⁵ consiste em uma revisão da teoria de Maslow, reunindo as 5 categorias motivacionais propostas por

¹⁰³ TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. O conceito de motivação na psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 7, n. 1, p. 119-132, 2005.

¹⁰⁴ Ver Unidade 3, Seção 4.

¹⁰⁵ Clayton Paul Alderfer (1940-2015) foi um Psicólogo e consultor norte-americano conhecido por desenvolver ainda mais a hierarquia de necessidades de Maslow.

Maslow em apenas 3, quais sejam, *Existência, Relação e Crescimento*. O nível da *existência* corresponderia à camada fisiológica e de segurança, enquanto o nível da *relação* corresponderia à afiliação e parte da camada referente à estima. Por fim, o *crescimento* corresponderia à parte da camada referente à estima e à camada de autorrealização. Enquanto a proposta de Maslow estabelece níveis rígidos, ou seja, o indivíduo se sente motivado a buscar a próxima categoria apenas se a anterior tiver sido satisfeita, a proposta de Alderfer é flexível, pois a transferência de um nível para o outro pode ocorrer simultaneamente.

Tanto a teoria de Maslow como a de Alderfer são muito utilizadas para estudar o ambiente de trabalho e como o trabalho pode se tornar motivador para o empregado. Outras teorias da motivação se relacionam ao ambiente de trabalho, como a teoria bifatorial de *Frederick Herzberg*.

A teoria bifatorial estuda os fatores responsáveis por afetar a produção dos funcionários e sua relação com o trabalho. Herzberg concluiu que existem dois fatores, quais sejam: *fatores motivacionais* e *fatores de higiene*. Os fatores motivacionais consistem em fatores da empresa capazes de gerar satisfação aos funcionários, porém, a ausência de tais fatores não geraria grandes consequências negativas. Já os fatores de higiene consistem naqueles que, quando ausentes, geram alto nível de insatisfação nos colaboradores, embora sua presença não seja exatamente motivo de satisfação.

Desta forma, se presentes os fatores de higiene, os colaboradores não se sentiriam insatisfeitos, porém estariam desmotivados para o trabalho. Uma vez inseridos os fatores motivacionais, os colaboradores estariam satisfeitos e motivados. São exemplos de fatores de higiene as condições adequadas de trabalho e o salário e como exemplo de fatores motivacionais é possível citar o reconhecimento e o avanço na carreira.

Outras teorias também se ocupam de investigar a motivação no ambiente de trabalho, como por exemplo, a teoria X e Y de *Douglas McGregor*. Ainda, há diversas outras teorias da motivação no campo das ciências psicológicas.

5.4 APRENDIZAGEM

Uma das principais correntes psicológicas responsáveis pelo estudo da aprendizagem é a *Análise do Comportamento* ou *Behaviorismo*¹⁰⁶. Para este referencial teórico, a aprendizagem de novos comportamentos ocorre principalmente pelo *condicionamento respondente* e pelo *condicionamento operante*.

Em seu processo evolutivo, algumas espécies aprenderam comportamentos que garantiram sua sobrevivência. Por exemplo, alguns animais já nascem sabendo que não podem comer uma fruta de determinada cor, por apresentar toxinas que lhes são prejudiciais e podem até ocasionar sua morte. Além dos comportamentos aprendidos pela espécie, há também a aprendizagem individual, isto é, aquele que ocorre de acordo com a história de vida de cada um.

No *condicionamento respondente* a aprendizagem ocorre quando um estímulo que naturalmente produz uma resposta (eliciador) é associado a um estímulo neutro, gerando reflexos condicionados, isto é, a aprendizagem de novos reflexos. O exemplo clássico deste tipo de aprendizagem é o experimento realizado por *Ivan Pavlov*¹⁰⁷ com seus cães. Pavlov estudou o comportamento de salivar dos cães e em seu experimento, associou (emparelhou) a apresentação da carne (*estímulo eliciador/incondicionado*, ou seja, o estímulo que naturalmente gerava a resposta de salivação) à apresentação de uma sineta (*estímulo neutro*, ou seja, o estímulo que não gerava a resposta de salivação).

Assim, apresentou a carne e em seguida, a sineta aos sujeitos experimentais. Após repetir esta associação por 60 vezes, apresentou aos cães apenas a sineta, sem a carne, observando que o som da sineta passara a produzir a resposta de salivação (*reflexo condicionado*). A sineta, por si só, não geraria resposta de salivação nos cães, entretanto, ao ser associada repetidas vezes à carne, os cães aprenderam a salivar diante dela. Assim como os cães passaram a apresentar respostas fisiológicas associadas à fome

¹⁰⁶ Ver Unidade 3, Seção 1.

¹⁰⁷ Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) foi um fisiologista russo conhecido principalmente pelo seu trabalho no condicionamento clássico. Foi premiado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1904, por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais.

– expressas pela salivação diante de um estímulo inicialmente neutro e posteriormente condicionado –, os seres humanos também podem aprender a sentir emoções que não estão presentes em seu repertório comportamental quando nascem.

O experimento realizado por *John Watson*¹⁰⁸ com o pequeno Albert, um bebê de aproximadamente 10 meses de idade, deixou clara essa aprendizagem. A intenção de Watson era verificar se, por intermédio do condicionamento respondente, um ser humano poderia aprender a sentir medo de algo que não tinha, o que se provou verdadeiro. Para isso, apresentou um som estridente (estímulo eliciador ou incondicionado), que ao ser acionado provocava respostas fisiológicas de medo no bebê, expressas pelo choro e contrações musculares, e o emparelhou a um rato albino (estímulo neutro). Inicialmente o bebê não apresentou qualquer resposta de medo em relação ao rato, ao contrário, demonstrou interesse pelo animal e tentou tocá-lo diversas vezes.

Feito isso, Watson passou a apresentar os emparelhamentos e sempre que Albert tocava o rato, o som estridente era acionado. Após alguns emparelhamentos, Watson colocou apenas o rato próximo ao bebê, sem acionar o som estridente, e percebeu que ao ver o rato, Albert apresentou as mesmas respostas de medo produzidas pelo som estridente, como o choro e contrações musculares. A conclusão foi de que Albert aprendeu a ter medo do rato.

Este foi um grande passo para o entendimento de como as pessoas passam a ter medo de penas de aves, cachorros, palhaços ou outros estímulos que para a maioria das pessoas não geram reações emocionais de medo.

Além do condicionamento respondente, a aprendizagem pode ocorrer através do *condicionamento operante*, por intermédio de duas consequências: *reforço e punição*.

Segundo *Skinner*¹⁰⁹, reforço consiste na consequência de um comportamento que aumenta a probabilidade de um comportamento voltar a ocorrer. Alguns exemplos de reforço: um animal que está com fome e se

¹⁰⁸ John Broadus Watson (1878-1958) foi um psicólogo estadunidense, considerado o fundador do Behaviorismo.

¹⁰⁹ Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), foi um psicólogo, inventor e filósofo norte-americano. Foi professor na Universidade Harvard de 1958 até sua aposentadoria, em 1974. É considerado um dos maiores expoentes do Behaviorismo.

alimenta tem no alimento um estímulo reforçador, pois a probabilidade de se alimentar novamente quando estiver com fome aumentará, uma vez que este alimento produziu saciedade e satisfaz suas necessidades básicas; quando uma pessoa pede ou dá ordens e é atendida, as chances de pedir ou ordenar algo novamente aumenta, pois suas necessidades foram satisfeitas.

Para exemplificar como um comportamento pode ser aprendido através do reforço, é possível citar a direção. Quando uma pessoa vai aprender a dirigir um carro, ela possui uma finalidade. O ato de caminhar é o meio mais remoto de locomoção e outros meios de transporte como bicicleta, ônibus ou metrô nem sempre proporcionam o mesmo conforto que o carro. É inegável que aprender a dirigir traz diversos benefícios ao indivíduo. A aprendizagem do processo de dirigir passa por várias etapas e cada uma delas está permeada por reforço. Ao dar partida no carro, ele passa de desligado para ligado, que é o primeiro passo para iniciar o comportamento de dirigir. O fato de o carro passar de desligado para ligado reforça o comportamento da pessoa de ligá-lo futuramente, quando pretender dirigir. Posteriormente, o indivíduo pisará na embreagem e engatará a marcha, o que fará com que o carro comece a andar lentamente. Então o carro sairá da condição de inércia e passará a se movimentar, o que é mais um passo reforçador para o sujeito, uma vez em que ele estará a caminho do seu objetivo, que é chegar a um destino com o carro. Assim, a pessoa aprende que ao executar estes comportamentos, está mais próxima de seu objetivo final e as chances de repetir tais comportamentos aumenta.

Além do reforço, a aprendizagem também pode ocorrer através da punição. A punição consiste em um tipo de consequência do comportamento que torna sua ocorrência menos provável no futuro. São exemplos de punição: ultrapassar o sinal vermelho e ser multado, diminuindo a probabilidade do comportamento ocorrer futuramente em razão de uma consequência aversiva (multa); jogar bola dentro de casa e levar uma surra dos pais, diminuindo a probabilidade do comportamento ocorrer. Nestes casos a pessoa aprende que o comportamento punido lhe trouxe prejuízos, deixando de emití-lo. Ela pode simplesmente não apresentar qualquer comportamento diante daquele contexto ou aprender a emitir novos comportamentos diante dele que não lhe trarão prejuízos.

A punição é muito utilizada porque tem consequência imediata, ou seja, o comportamento punido cessa imediatamente após a punição. Além disso, punir é mais fácil do que outras formas de ensino, o que faz com que grande parte das pessoas opte por esta modalidade. No entanto, *a punição*

traz efeitos prejudiciais, devendo ser substituída pela aprendizagem por reforço.

Entre as consequências negativas trazidas pela aprendizagem por punição estão:

1. Eliciação de respostas emocionais diante do comportamento punido

Em situações envolvendo punição, tanto as pessoas punidas como as pessoas que puniram podem apresentar respostas emocionais prejudiciais. O indivíduo punido costuma apresentar respostas fisiológicas como palpitações, choro, tremores, taquicardia e o indivíduo punitivo, ao observar as respostas emocionais daquele que puniu, pode apresentar respostas de pena ou culpa, sentindo-se mal.

2. Supressão de outros comportamentos além do punido

Além do comportamento que se desejava punir, outros comportamentos que ocorriam temporalmente próximos ao momento da punição podem ser suprimidos, restringindo o repertório comportamental do sujeito. Por exemplo, se uma criança está em uma festa correndo, pulando, conversando e dançando, se empolga e estoura um balão próximo a um adulto e este adulto o pune com uma palmada, a provável consequência é que a criança pare de estourar balões, porém os comportamentos de correr, pular, conversar e dançar também podem ser suprimidos em contextos futuros.

3. Emissão de respostas incompatíveis ao comportamento punido

Ao serem punidos, os organismos tendem a apresentar uma segunda resposta, que torne improvável a repetição do comportamento punido. Por exemplo, uma garota que teve um relacionamento no qual investiu muito, mas foi trocada por outra pessoa, teve seu comportamento de namorar punido. Diante desta consequência, ela pode desenvolver o seguinte padrão: quando começar a se envolver novamente com alguém, poderá romper o relacionamento antes de se estabelecer um namoro. Isto é prejudicial porque não permite ao indivíduo perceber que as condições de punição não estão mais em vigor da mesma forma em que estavam no passado. E, neste caso, ela poderia ser feliz com alguém que não a abandonaria, mas ao terminar

uma relação antes de estabelecê-la, não terá a oportunidade de vivenciar esta contingência.

4. *Contracontrole*

Neste caso, o organismo punido emite uma nova resposta que impede que o agente punitivo mantenha controle sobre seu comportamento. No caso da punição, garante-se que o comportamento punido continue a ocorrer sem que o indivíduo entre em contato com a punição de fato. O exemplo clássico é o caso do radar de trânsito. O radar serve para que as pessoas não trafeguem acima da velocidade permitida, comportamento que costuma ser punido com multas e outras consequências aversivas. No entanto, ao avistarem um radar, os condutores freiam o carro apenas em sua presença, seguindo o restante do trajeto acima da velocidade permitida. Assim, o comportamento de dirigir acima da velocidade continua a ocorrer sem que seja punido. Em razão de a punição ser eficaz apenas diante do agente punitivo, também não se recomenda a sua utilização – uma vez que o agente punitivo não estará sempre presente para controlar o comportamento do indivíduo.

5.5 INTELIGÊNCIA

Assim como o conceito de motivação, o conceito de inteligência é controverso nas ciências psicológicas. Não obstante a dissonância de entendimentos, a inteligência relaciona-se às capacidades e habilidades das pessoas de um modo geral. Como os indivíduos apresentam muitas diferenças relativas à forma e capacidade de desempenhar tarefas de ordem intelectual, várias teorias debruçaram-se sobre a propositura de provas psicológicas que pudessem definir e avaliar a inteligência de modo mais completo.

Historicamente, as primeiras abordagens da inteligência estudaram-na como um todo. Ao invés de analisar várias aptidões que poderiam compor a inteligência, tais correntes visualizaram este constructo como uma unicidade, o que ocorreu através de duas expressões principais:

- a) A defesa da integração das funções cognitivas em um quociente de inteligência, ou Q.I. (*teoria da inteligência compósita*).

- b) A proposta de um elemento básico e comum a todas as atividades cognitivas (*teoria do fator geral ou fator G*).

A *teoria da inteligência compósita* atribui a concepção de inteligência à discriminação sensorial, ao tempo de reação de resposta e à coordenação sensório-motora. A capacidade intelectual do sujeito seria um conjunto dessas funções básicas, originando, por conseguinte, a utilização de provas sensoriais e motoras na avaliação da inteligência.

Posteriormente algumas alterações surgiram, considerando a importância de funções mentais mais complexas como memória, imaginação, atenção, compreensão ou apreciação estética na avaliação da inteligência, o que ocorreu através dos trabalhos de *Alfred Binet*¹¹⁰. Através dessa nova perspectiva, criou-se instrumentos de avaliação de inteligência, como a *Escala Binet-Simon*, permitindo o cálculo do Q.I. (quociente de inteligência).

A *teoria do fator geral ou fator G* considera a inteligência como produto de um fator geral. No modelo de avaliação de inteligência há vários itens capazes de avaliá-la, no entanto há um deles que é responsável pela maior parte da medição da avaliação.

*Howard Gardner*¹¹¹ estabeleceu outra perspectiva sobre a inteligência, cunhando a *teoria das múltiplas inteligências* no século XX como uma crítica ao modelo conceitual de inteligência vigente à época, como o conceito de Q.I. (quociente de inteligência) e suas versões como o SAT (visões unitárias de inteligência). Para tanto, Gardner propôs a divisão da inteligência em subtipos, adotando uma perspectiva pluralista. Além de reconhecer as diversas facetas da inteligência, esta teoria preconiza a interdependência entre algumas delas.

A princípio, Gardner mapeou sete tipos de inteligência, sendo:

¹¹⁰ Alfred Binet (1857-1911) foi um pedagogo e psicólogo francês que ficou conhecido por sua contribuição no campo da psicometria, sendo considerado o inventor do primeiro teste bem-sucedido de inteligência, a Escala Binet-Simon, que serviu de base para vários dos atuais testes de QI.

¹¹¹ Howard Gardner é um psicólogo cognitivo e educacional estadunidense, ligado à Universidade de Harvard e conhecido em especial pela sua teoria das inteligências múltiplas.

- a) Lógico-matemática
- b) Linguística
- c) Naturalista
- d) Interpessoal
- e) Intrapessoal
- f) Espacial
- g) Corporal-cinestésica.

Após a realização de estudos de ressonância com apoio de órgãos de fomento norte-americanos, novas formas de inteligência foram incorporadas à teoria, sendo acrescentados dois subtipos:

- h) Musical
- i) Existencialista.

A inteligência *lógico-matemática* está associada à aptidão para realizar operações numéricas e raciocinar de maneira lógico-dedutiva. Este subtipo seria verificado em grande parte em profissões como cientistas e matemáticos.

A inteligência *linguística* relaciona-se à aptidão do indivíduo de se comunicar e expressar, bem como dominar a linguagem e os idiomas. Haveria uma predominância em profissões como jornalistas, radialistas, poetas e escritores.

O subtipo *naturalista* consiste na sensibilidade em compreender a natureza e seus fenômenos. Associa-se a profissões como biólogos.

A inteligência *interpessoal* está relacionada à habilidade de compreensão das motivações, intenções e desejos de outras pessoas. Verifica-se em grande parte em profissões como psicólogos, pedagogos, relações públicas e publicitários.

A inteligência *intrapessoal* consiste na habilidade de formar um modelo apurado e verídico sobre si mesmo e utilizar este modelo para operar efetivamente na vida. Está muito relacionado ao autocontrole e autoconhecimento.

O subtipo *espacial* correlaciona-se à habilidade de compreensão do espaço e do mundo visual, sendo comum em profissões como fotógrafos, arquitetos, escultores, marinheiros e cirurgiões.

A inteligência *corporal-cinestésica* associa-se à capacidade de operar no mundo através do domínio do controle e movimentos do corpo, estando bastante presente em bailarinos, atletas e artistas.

Por fim, o subtipo *musical* consiste na aptidão para compor e executar padrões musicais, sendo comum em músicos, maestros e sonoplastas. Já o subtipo *existencialista* está ligado à capacidade de refletir sobre questões inerentes à própria existência, sendo uma habilidade comum em líderes religiosos e filósofos.

Algumas concepções atreladas à teoria das inteligências múltiplas concentram-se nas premissas de que:

- a) Ninguém pode aprender tudo que há para ser aprendido.
- b) Nem todas as pessoas possuem os mesmos interesses e habilidades.
- c) Nem todas as pessoas aprendem as coisas da mesma maneira.
- d) Testes padronizados de inteligência seriam incapazes de captar as diferentes aptidões pessoais.
- e) Pessoas com perfis cognitivos incomuns podem se destacar por sua inteligência.
- f) O papel principal da escola seria o de categorizar os interesses, perfis e objetivos dos alunos e associá-los aos estilos de aprendizagem condizentes.

CONSIDERAÇÕES

A cognição inclui diferentes processos cognitivos, como a aprendizagem, atenção, memória, linguagem, raciocínio, tomada de decisões, etc., que fazem parte do desenvolvimento intelectual e emocional de todo ser humano.

O processo cognitivo é um dos fatores que diferenciam o ser humano de outros animais. Responsável pela linguagem, pensamento, memória, raciocínio, entre outras esferas, ele também afeta diretamente a percepção das emoções e, portanto, o comportamento humano.

“A inteligência é o que você usa quando não sabe o que fazer”.

Jean Piaget

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leandro S. As aptidões na definição e avaliação da inteligência: o concurso da análise fatorial. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 12, p. 5-17, 2002.
- BORGES, O. R. P.; SILVA, A. B. D. Contribuições da análise do comportamento para a formação de condutores. In: *CAOS – Congresso Acadêmico de Saberes em Psicologia: Faces da violência – Psicologia, Mídia e Sociedade*. Palmas: CELUP-ULBRA, 2017.
- BRITTO, I. A.; ELIAS, P. V. O. Análise comportamental das emoções. *Psicol. Am. Lat.* n.16, México jun. 2009.
- DA SILVA, Simone Silmara Mendes. *Satisfação no trabalho: um estudo de caso baseado nas teorias de Maslow e Herzberg*. Monografia (Especialização), 53 p. UFPR – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- DE CARVALHO, Daniela. Emoção e cultura: as emoções dos japoneses em análise. *Intercultural*, v. 7, n. 2, p. 341-358, 2003.
- DE GÁSPARI, J. C.; SCHWARTS, G. M. Inteligências múltiplas e representações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 18, p. 261-266, 2002.
- EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. *Manual de Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- HÜBNER, M. M.; MOREIRA, M. B. *Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento*. Rio de Janeiro: Grupo Gen-Guanabara Koogan, 2000.
- MATLIN, Margaret W. *Psicologia cognitiva*. São Paulo: LTC, 2004.
- MIGUEL, Fabiano Koich. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-usf*, v. 20, p. 153-162, 2015.
- MOREIRA, M. B.; DE MEDEIROS, C. A. *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- SAMPAIO, J. R. O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. *Revista de administração-RAUSP*, v. 44, n. 1, p. 5-16, 2009.
- STERNBERG, Robert J. *Psicologia cognitiva*. Padova: Piccin, 2000.
- SKINNER, Burrhus Frederic. *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1982.

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. O conceito de motivação na psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 7, n. 1, p. 119-132, 2005.

TRAVASSOS, Luiz Carlos Panisset. Inteligências múltiplas. *Revista de biologia e ciências da terra*, v. 1, n. 2, 2001.

ISBN 978-658458302-3



9

786584

583023

FASBAM